



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE - DAP
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DOCENTE: PROF. DR. LUCIANO MENDES

JEAN MICHEL RODRIGUES BARROS

19/0014903

**AO ESCURECER: A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE BRASILEIRA NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

BRASÍLIA/DF

2023

JEAN MICHEL RODRIGUES BARROS

**AO ESCURECER: A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE BRASILEIRA NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Projeto Final em Comunicação Social apresentado ao curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Publicidade e Propaganda, sob a orientação do Prof. Luciano Mendes.

BRASÍLIA/DF

2023

JEAN MICHEL RODRIGUES BARROS

**AO ESCURECER: A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE BRASILEIRA NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

Memorial do trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade de Comunicação
da Universidade de Brasília, como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social com habilitação em
Publicidade e Propaganda.

Brasília, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luciano Mendes de Sousa
Orientador

Profa. Kelly Tatiane Martins Quirino
Examinadora

Profa. Priscila Monteiro Borges
Examinadora

Prof. Rafael Dietzsch
Suplente

*Amar a negritude como resistência política
transforma nossas formas de ver e ser e,
portanto, cria as condições necessárias para
que nos movamos contra as forças de
dominação e morte que tomam as vidas
negras - bell hooks*

AGRADECIMENTOS

Se eu fosse agradecer a cada um que foi importante para a conclusão dessa grande jornada que é a graduação, seria necessário um número de páginas muito maior.

Para começar, gostaria de agradecer a Deus por ter me proporcionado a experiência incrível que é estar vivo e por ter me dado forças durante todo esse caminho.

Agradeço também a toda minha família, em especial os meus pais, pelo apoio e assistência incondicionais e por todo o esforço que fizeram para que eu chegasse até esse momento.

Agradeço aos amigos que fiz durante todos esses semestres, desde os que conheci quando entrei na UnB pela primeira vez no curso de Arquitetura e Urbanismo até os amigos que encontrei na Faculdade de Comunicação. Em particular minha amiga Mariana, que é a minha dupla desde literalmente o primeiro dia e que até hoje tem me acompanhado.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os professores que passaram pela minha vida - não só na graduação. Especialmente ao meu orientador, Luciano Mendes, por toda disponibilidade e dedicação.

Todos tem um espaço guardado no meu coração e sem vocês nada disso seria possível. Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho consiste em um memorial sobre as etapas de desenvolvimento de uma história em quadrinhos. Foram abordadas questões a respeito da representação e representatividade das pessoas negras nos quadrinhos brasileiros, assim como a origem dos estereótipos negativos influenciadores na construção da identidade da população negra, perpetuados constantemente através dos produtos culturais. O produto final criado a partir disso foi a HQ Ao Escurecer, que conta a história de Lara, uma garota que parte em busca de respostas sobre a sua identidade racial.

Palavras-chave: representação negra; histórias em quadrinhos; comunicação; estereótipos sociais; identidade racial.

ABSTRACT

This work consists of a memorial about the stages of development of a comic book. Questions were addressed regarding the representation and representativeness of black people in Brazilian comics, as well as the origin of negative stereotypes that influence the construction of the identity of the black population, constantly perpetuated through cultural products. The final product created from this was the comic book Ao Escurecer, which tells the story of Lara, a girl who sets out in search of answers about her racial identity.

Palavras-chave: black representation; comics; communication; social stereotypes; racial identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trechos da Tapeçaria de Bayeux	14
Figura 2 - Primeiro personagem dos quadrinhos, o Yellow Kid	15
Figura 3 - Fragmento da primeira publicação de Nhô Quim, com o primeiro personagem negro dos quadrinhos brasileiros, Benedito	16
Figura 4 - Logo e mascote da revista Gibi	18
Figura 5 - Comediante Billy Van e prática do <i>black face</i> , 1900	20
Figura 6 - Lara: primeiros esboços, com lápis e papel (frente e costas)	26
Figura 7 - Lara: primeiros esboços, com lápis e papel (lado e visão em perspectiva)	27
Figura 8 - Rascunhos das expressões faciais	27
Figura 9 - Prancha da arte conceitual finalizada de Lara	28
Figura 10 - Exemplo de página do storyboard, com desenhos não finalizados	33
Figura 11 - Exemplo de página com o desenho digital finalizado	34
Figura 12 - Paleta de cores	35
Figura 13 - Paleta das cores de pele dos personagens	35
Figura 14 - Exemplo de página finalizada e colorizada	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	10
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.3 OBJETIVO GERAL	12
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONTEXTUALIZAÇÃO E ASPECTOS DA LINGUAGEM	13
3. MÍDIA, IDENTIDADE, RAÇA E REPRESENTAÇÃO.....	17
4. METODOLOGIA	21
4.1 CRIAÇÃO DE PERSONAGENS	22
4.2 STORYLINE E SINOPSE	28
4.3 ROTEIRO	29
4.4 TÍTULO	31
4.5 STORYBOARD	32
4.6 PRODUÇÃO	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
7. APÊNDICE	41
7.1 ROTEIRO	41
7.2 STORYBOARD	50
7.3 HISTÓRIA COMPLETA	65

1. INTRODUÇÃO

Temas como a diversidade e a inclusão de pessoas que fazem parte de grupos minoritários e socialmente desfavorecidos vem sendo cada vez mais discutidos, em especial nos últimos anos em que o acesso às informações sobre os tópicos socioculturais se tornaram mais comuns, graças à Internet. Grupos como as mulheres, a comunidade LGBTQIA+ e a comunidade negra, por exemplo, estão em constante luta para conquistarem os seus direitos e tornar o mundo um lugar mais justo e democrático e menos desigual.

Apesar da sociedade ainda precisar percorrer um caminho muito grande para alcançar certa igualdade, a disseminação constante dessas pautas através dos produtos culturais criados pela mídia possuem um grande potencial para atingir pessoas com vivências muito diferentes, fazendo-as refletir sobre possíveis soluções para os problemas causados pela exclusão e pela discriminação.

A luta pela representação das minorias, tem similaridade com os esforços envolvendo os problemas de sexo. Ambos tiveram de confrontar atitudes estreitas por parte da indústria, as desvantagens de começar pequeno e o sempre presente espectro do preconceito cego. (MCCLLOUD, 2006, p. 105)

Um desses problemas, que é a motivação principal para o desenvolvimento do produto em questão, é a representação e a representatividade negra, com um foco em histórias em quadrinhos. Diversas mídias possuem um histórico de não representarem pessoas negras de forma satisfatória, valendo-se de estereótipos e retratando-as de maneiras discriminatórias. Isso contribui para que o racismo continue sendo propagado, contribuindo negativamente no modo como a sociedade enxerga essa parcela considerável da população.

Muitas narrativas fazem parte da história da população negra brasileira. Porém, boa parte delas são desconhecidas e inexploradas devido à falta de divulgação, ainda que sejam relevantes e que existam pessoas interessadas em consumi-las. Sendo assim, as histórias em quadrinhos podem ser uma ferramenta para contar essas narrativas com o objetivo de representar a negritude de forma positiva e empoderadora. Segundo McCloud (2006, p. 19) os quadrinhos oferecem um portal através do qual podemos ver o mundo e diversificar nossas percepções dele.

As histórias em quadrinhos, ou HQs, são narrativas que são desenvolvidas usando elementos gráficos e visuais de imagem e de escrita. Foram muito consumidas a partir do século XIX, com a popularização das revistas de super-heróis de grandes editoras, como as icônicas Marvel e DC Comics. Apesar de talvez serem as primeiras coisas associadas às HQs que passam na cabeça da população, os super-heróis não são as únicas narrativas que são contadas através das histórias em quadrinhos. A versatilidade da linguagem permite, através dos seus principais aspectos como o desenho, por exemplo, a abordagem de temáticas diversas que geram conexão com o leitor e com suas experiências pessoais. Por esse motivo, foi a forma escolhida para desenvolver o produto em questão.

Os quadrinhos precisam recorrer a necessidades e desejos básicos do homem - oferecendo uma visão de mundo a que valha a pena nos voltar. Para começar, isso significa ajustar as revistas para um público muito mais amplo, incorporando um espectro mais diversificado de estilos e assuntos. (MCCLLOUD, 2006, p. 19)

O projeto busca não só entender como funcionam as etapas para a execução de uma HQ e os motivos para a escassez de representação negra adequada nessa linguagem, como também desenvolver uma história em que haja a aparição de personagens negros e o desenvolvimento de uma narrativa que produza um olhar particular sobre o descobrimento dos aspectos positivos da negritude, assunto não tão abordado pela cultura pop, em especial nas HQs.

Além disso, o produto serve como um exercício criativo e de experimentação, com um propósito de explorar a linguagem na prática, com o uso das ferramentas comumente utilizadas na criação de histórias em quadrinhos, como o desenho e a roteirização.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Tendo em vista o que foi apresentado, este trabalho tem como objetivo utilizar as histórias em quadrinhos como ferramenta para o desenvolvimento de uma narrativa que aborda o tema da representação negra. Sendo assim, como usar a linguagem das histórias em quadrinhos para representar a negritude de forma positiva gráfica e narrativamente?

1.2 JUSTIFICATIVA

Devido ao racismo e a violência simbólica presente na sociedade brasileira, as pessoas negras não costumam ser representadas de maneiras adequadas. É evidente que nos últimos anos isso têm acontecido com menos frequência devido aos esforços para o aumento da igualdade racial, mas ainda é possível perceber como pessoas negras não aparecem com tanta frequência em diversos tipos de produções culturais e, quando aparecem, são retratadas de maneiras que não traduzem as reais vivências dessas pessoas, mas sim uma ideia criada por um grupo que não tem contato com todas essas histórias e particularidades.

Tudo isso se dá principalmente pela ausência de pessoas negras nos espaços de produção cultural e de decisão (como nos roteiros, na direção e produção).

Obviamente, é possível produzir sobre essas vivências mesmo sem experienciá-las, porém

A ficção exige positivamente que nos aventuremos além do mundo de nossas experiências. Dizer que nenhum escritor branco deve criar um personagem negro, por exemplo, constituiria um claro exagero e, como corolário fatal, seria francamente tóxico. Todavia, é razoável dizer que, quando se trata de uma condição social ou física que somente uma minoria experimenta, os membros dessa minoria terão vantagem em retratá-la. O máximo que os outros fazem é presumir. (MCCLLOUD, 2006, p. 106)

Ainda:

Por mais que um artista pretenda retratar com o máximo de fidelidade a realidade ao seu redor, seus trabalhos sempre trarão a marca de sua bagagem cultural e sua ideologia, ainda mais se tratando de profissionais contratados por autoridades cujos interesses econômico e político não poderiam ser contrariados. (CHINEN, 2013, p. 54)

Além disso, diversas obras que decidem falar sobre a questão da negritude na maioria das vezes ou ignoram completamente questões raciais importantes ou entram no que pode ser considerado um clichê de apenas representar as violências que as pessoas negras passam constantemente. É incontestável que essa é uma escolha válida já que, infelizmente, é uma realidade, pois as pessoas negras são atravessadas por diversas violências no decorrer da vida. Entretanto, existem maneiras de refletir sobre as particularidades da negritude sem necessariamente abordar tópicos como racismo ou discriminação de forma irresponsável e inadequada. Segundo McCloud (2006, p.124): “muitas vezes são aqueles indivíduos

mais versados nas duras realidades da vida que crescem menos inclinados a revisita-las na ficção”.

Dessa forma, este trabalho é relevante justamente por ser uma produção que busca desenvolver um produto que ocupe uma possível lacuna de representatividade e representação da população negra na mídia ao criar uma história em quadrinhos que aborde a temática da negritude de forma positiva, distanciando-se do uso de possíveis estereótipos visuais e narrativos e promovendo o protagonismo de personagens negros.

1.3 OBJETIVO GERAL

Criar uma história em quadrinhos que representa positivamente a diversidade da negritude e as particularidades das vivências de pessoas negras brasileiras por meio dos personagens, do desenho, do roteiro e das situações e, principalmente, da estrutura narrativa.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a. Realizar uma pesquisa e uma análise crítica sobre como desenrolam-se as diversas formas de representação racial de pessoas negras existentes na mídia brasileira, em especial nas histórias em quadrinhos;

b. Identificar as narrativas desenvolvidas e observar a presença e/ou ausência de padrões e estereótipos que são relacionados com a população negra;

c. Identificar os aspectos particulares da identidade do povo negro que podem ser usados para a construção de uma representação positiva;

d. Descrever como funciona o formato das histórias em quadrinhos, seus princípios e fundamentos para encontrar a melhor forma de abordar visualmente e narrativamente o tema da negritude.

2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONTEXTUALIZAÇÃO E ASPECTOS DA LINGUAGEM

A cultura de contar histórias sempre esteve presente de diferentes maneiras na civilização humana. Seja de forma oral ou gráfica, é possível encontrar registros de inúmeros momentos onde o ato de criar narrativas reais ou fictícias fez parte da cultura de inúmeros territórios.

Segundo Will Eisner (2005), referência nos estudos sobre narrativas gráficas, as histórias em geral são usadas a fim de ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores e também para satisfazer curiosidades. O autor também explica que as histórias servem para transmitir informações de uma maneira mais compreensível, fazendo uso de fenômenos conhecidos para explicar conceitos desconhecidos. Desde antes da invenção do papel, podemos encontrar registros históricos da linguagem pictórica sendo utilizada para narrar acontecimentos e fenômenos da natureza (DE OLIVEIRA, 2007).

Sobre as histórias em quadrinhos, especificamente, Cagnin (1975) descreve-as como um sistema narrativo formado por dois códigos de signos gráficos: a imagem, elemento figurativo obtido pelo desenho, e a linguagem escrita, onde o texto é usado como um elemento linguístico integrado ao sistema narrativo.

Uma vez desenhada, a imagem torna-se um enunciado preciso que permite pouca ou nenhuma interpretação adicional. Quando palavra e imagem se “misturam”, as palavras formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação. (EISNER, 1989, p. 122)

Entretanto, para ser considerada de fato uma história em quadrinhos, diversos autores defendem que além do uso de palavras e imagens (sozinhas ou acompanhadas), é essencial que haja uma sequência de imagens compondo a narrativa - o próprio termo “arte sequencial” criado por Eisner deixa isso claro. Segundo McCloud (1995, p. 5), por exemplo: “quando são partes de uma sequência, mesmo uma sequência só de duas, a arte da imagem é transformada em algo mais: a arte das histórias em quadrinhos”. Ao contrário do cinema, em que a sequência de imagens acontece no mesmo espaço (a tela), nos quadrinhos, as imagens ocupam espaços diferentes. O espaço é para os quadrinhos o que o tempo é para um filme (MCCLOUD, 1995).

Entre outros diversos elementos importantes, característicos da linguagem dos quadrinhos, é possível citar os balões de diálogo, as onomatopéias, a composição dos enquadramentos e as sarjetas (os espaços entre os quadros). Todos os itens, quando integrados visualmente, são cruciais para que o leitor se conecte com uma narrativa em quadrinhos.

As histórias em quadrinhos comunicam numa “linguagem” que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto. A história em quadrinhos pode ser chamada “leitura” num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo. (EISNER, 1989, p. 7)

Não existe um consenso definitivo sobre a origem exata das HQs. Apesar de se desenvolverem enquanto linguagem apenas no século passado, é possível encontrar registros do que pode ser considerado arte sequencial bem antes da primeira história em quadrinhos ser publicada oficialmente. Segundo McCloud (1995), os primeiros registros que podem ser associados ao surgimento dos quadrinhos são encontrados nas antigas civilizações egípcias (por volta de trinta e dois séculos atrás) e alguns séculos mais tarde em outras peças como um manuscrito em imagem pré-colombiano e na tapeçaria francesa de 70 metros “Bayeux Tapestry”.



Figura 1 - Trechos da Tapeçaria de Bayeux ¹

¹ Disponível em <<https://edition.cnn.com/style/article/bayeux-tapestry-intl/index.html>> acesso em: janeiro de 2023

Contudo, um acontecimento marcante e definitivo para a intensificação do consumo das HQs foi o avanço das técnicas de reprodução do século XX, consequência da popularização da imprensa (MCCLLOUD, 1995), que justamente com o estabelecimento do capitalismo e da revolução das indústrias, possibilitaram que o consumo das produções culturais fosse difundido para um público cada vez mais amplo, além das elites.

Nos diversos formatos em que as histórias em quadrinhos se apresentam, o mais popular é o formato de revistas. Segundo Eisner (1989, p. 7): “as primeiras revistas de quadrinhos (por volta de 1934) geralmente continham uma coleção aleatória de obras curtas”. Essas obras curtas - em geral charges e caricaturas - tinham em sua maioria um caráter de humor e são predecessoras de uma fase anterior à consolidação dos quadrinhos como linguagem (CHINEN, 2013, p. 80). Atualmente é possível encontrar quadrinhos em outros formatos além de revistas, como as *graphic novels* - histórias mais longas com início, meio e fim, que não possuem a necessidade de continuações.

Considerada como um marco nas histórias em quadrinhos, a aparição de *Yellow Kid* de Richard D. Outault no Sunday New York Journal no ano de 1895 pode ser definida como a primeira vez em que os elementos técnicos que definem as histórias em quadrinhos são colocados juntos em uma publicação (LOPES, 2012).



Figura 2 - Primeiro personagem dos quadrinhos, o Yellow Kid ²

² Disponível em <<https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>> acesso em: janeiro de 2023

Seria a partir desse momento que o formato se desenvolveria ainda mais como uma linguagem se tornando com o passar dos anos um dos mais consumidos meios de contar histórias.

Pesquisadores argumentam que no Brasil a primeira história em quadrinhos é até mesmo anterior ao *Yellow Kid*. O autor Antônio Luís Cagnin (in CALAZANS, 1997 apud CHINEN, 2013, p.116) defende que Angelo Agostini (1843-1910) deveria ser considerado um dos autores precursores dos quadrinhos, pois no ano de 1867 já havia testado o formato de história desenhada em sequência no painel “As cobranças”, no jornal *O Cabrião*, e mais tarde, especificamente no dia 30 de janeiro de 1869, publicou a primeira edição da série Nhô Quim, no jornal *Vida Fluminense*. Apesar de ser uma série considerada pioneira por trazer uma continuidade entre as narrativas publicadas semanalmente e possuir um personagem fixo, não é considerada uma história em quadrinhos pois os elementos citados não caracterizam uma história em quadrinhos por si (CHINEN, 2013, p.117). No entanto, se considerarmos Nhô Quim como a primeira história em quadrinhos brasileira, é possível encontrar já no primeiro quadro o primeiro personagem negro dos quadrinhos brasileiros (CHINEN, 2013):

Benedito, criado do protagonista, que o acompanhará até a estação onde este embarcará no trem que irá levá-lo a suas peripécias ao Rio de Janeiro. Dessa forma, Benedito pode ser considerado o primeiro personagem negro dos quadrinhos brasileiros, presente já na primeira vinheta. (CHINEN, 2013, p. 117)

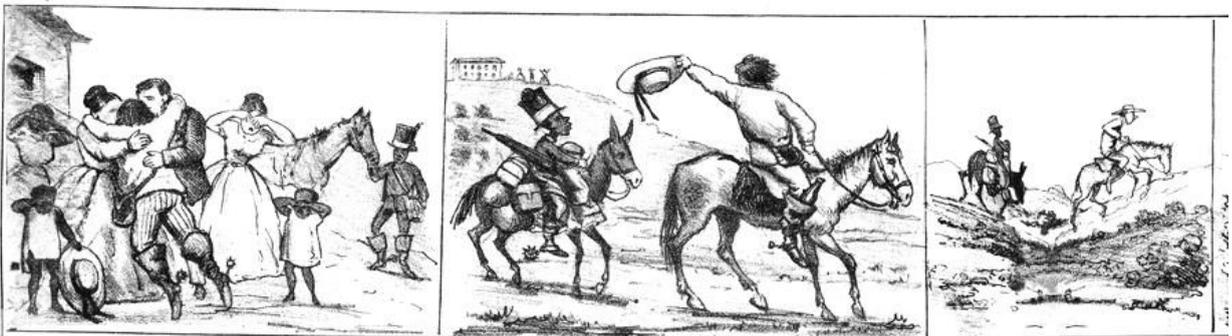


Figura 3 - Fragmento da primeira publicação de Nhô Quim, com o primeiro personagem negro dos quadrinhos brasileiros, Benedito³

³ Disponível em

<https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Aventuras_de_Nh%C3%B4_Quim_ou_Impress%C3%B5es_de_Uma_Viagem_%C3%A0_Corte> acesso em: janeiro de 2023

Após a aparição de Benedito, a aparição de personagens negros se fez menos presente do que o esperado com o passar dos anos - mesmo com a disseminação exponencial das histórias em quadrinhos:

Cirne (1982) inclui o capítulo "O negro nas estórias em quadrinhos", o único dedicado ao assunto encontrado no conjunto de obras nacionais consultadas. É um capítulo curto, mas elucidativo, em que o autor lamenta a escassez de personagens negros e enumera apenas meia dúzia deles. Para o autor: No Brasil, o que nos parece bastante grave para um país que oficialmente não reconhece o preconceito racial, os heróis negros são exceções, nem sempre honrosas (vide Pelezinho, de Mauricio de Sousa). A verdade é que a nossa galeria de personagens negros é bastante pequena: Benjamim (Luís Loureiro), Lamparina (J. Carlos), Azeitona (Luiz Sá), Pererê (Ziraldo), Preto-que-Ri (Henfil) — e mais um ou outro exemplo. (CIRNE, 1982, p. 54) (CHINEN, 2013, p. 108)

A grande galeria de personagens negros que poderia ter sido criada a partir da criação de Benedito na verdade tornou-se uma evidente carência de representação e da representatividade negra nos quadrinhos ao longo dos anos.

3. MÍDIA, IDENTIDADE, RAÇA E REPRESENTAÇÃO

Entendendo a linguagem das histórias em quadrinhos sob uma perspectiva sociológica enquanto um produto da comunicação, é indiscutível que suas narrativas influenciam e são influenciadas pela cultura e pela construção de significados que acontecem coletivamente. Diversas vezes esses signos podem ser utilizados para a perpetuação de comportamentos considerados inapropriados e até mesmo discriminatórios.

Um dos sinônimos de revistas em quadrinhos no Brasil é a palavra "gibi". O termo se popularizou devido à revista *Gibi*, que estreou em junho de 1939, editada pela empresa do jornal *O Globo*. A revista, que durante muito tempo possuía mais de uma edição toda semana, foi muito popular durante os anos que foi publicada.

A ironia do termo é que gibi, no sentido original da palavra, significa menino ou moleque negro. O mascote da revista, que aparece na maioria das capas e anúncios de todas as versões que foi publicada desde o seu lançamento, era um menino negro que nunca chegou a figurar como um personagem das histórias publicadas nas páginas internas (CHINEN, 2013, p.103).



Figura 4 - Logo e mascote da revista Gibi⁴

Quando se fala sobre a reprodução de representações racistas pelos meios de comunicação, hooks (2019) diz que é importante entender que a mídia de massa é um sistema de conhecimento e poder que reproduz e mantém a supremacia branca.

A aspiração de ser reconhecido como ser humano corresponde ao valor que chamamos de auto-estima. Ela leva os negros a desejarem libertar-se do estado de inferioridade a que foram relegados e desembaraçar-se das imagens depreciativas de si mesmos. Particularmente, leva-os a lutar contra o racismo que representa, acima de tudo, uma negação de identidade configurada pela negação radical do valor das heranças histórica e cultural de onde advêm a discriminação e a segregação. (D'ADESKY, 1997, p. 167)

Uma das formas mais frequentes de distorção da imagem na mídia que as pessoas negras são vítimas é o uso de estereótipos. De acordo com Mazzara (1999, p. 14 apud CHINEN, 2013, p. 39), os estereótipos são um conjunto de crenças negativas que um grupo compartilha em relação a outro, que constituem o próprio núcleo do preconceito ao sustentar e perpetuar uma imagem negativa a respeito de um grupo ou categoria social. Para D'Adesky (1997, p. 165): “A imagem do grupo influi na identidade pessoal. A má percepção de um grupo pela sociedade pode engendrar em seus membros um complexo de inferioridade”.

Em uma cultura pós-moderna da imagem (KELLNER, 2001) o processo de criação e manutenção das identidades individuais e coletivas são influenciados diretamente pelos processos midiáticos. Segundo Kellner (2001, p. 329): “a

⁴ Disponível em <<https://nanquim.com.br/gibi/>> acesso em: janeiro de 2023

propaganda, a moda, o consumo, a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando identidades e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluidas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo”. Para pessoas negras, esse processo é ainda mais intenso se for levado em consideração a falta de uma representatividade e representação adequadas.

Em outras palavras, há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence. (FANON, 2008, p.135)

Ao ter contato constante com essas produções midiáticas onde são associados constantemente a características negativas e narrativas prejudiciais e estereotipadas, pessoas negras são desestimuladas a admirar suas próprias vivências e particularidades. É importante começar a desenvolver perspectivas positivas da negritude, e isso pode ser feito a partir das variadas histórias que podem ser criadas a partir do ponto de vista das próprias pessoas negras.

Quando se trata de histórias em quadrinhos, o uso de estereótipos acontece através da padronização visual, o que não é necessariamente problemático pois funciona como uma forma de simplificação:

Obviamente, numa forma de expressão que é ao mesmo tempo um meio de comunicação de massa, como os quadrinhos, a intenção é fazer com que o leitor rapidamente identifique o personagem retratado, sem precisar de maiores explicações. Na necessidade de apresentar um negro, um oriental, um judeu, somente por meio de traços, modos e sotaques, a simplificação e a estilização acabam sendo uma exigência da limitação das técnicas de reprodução gráfica. Mas essa generalização, muitas vezes, esbarra no arriscado limite que é tornar-se ofensivo. (CHINEN, 2013, p. 39)

As caricaturas foram as principais responsáveis pelo modo que as representações gráficas foram realizadas nas histórias em quadrinhos. De acordo com Fonseca (1999, p. 17 apud CHINEN, 2013, p. 42), a caricatura é a representação plástica de uma pessoa, geralmente sob a forma de um desenho, que é interpretada voluntariamente de forma distorcida através de um traço que acentua e revela aspectos ridículos ou grotescos de algo. Segundo Chinen (2013, p. 44), a presença de estereótipos racistas em pessoas negras nas caricaturas possui relação com os argumentos religiosos e as teorias pseudocientíficas da primeira metade do século XIX que procuravam justificar a hierarquia de raças em graus de evolução

intelectual, fisiológica e mental – como a fisiognomonia e a frenologia. Esses estereótipos visuais seriam reforçados ainda com a figura dos menestréis:

A figura do menestrel remonta a tempos mais longínquos [...]. Diversos quadros do século XIX mostram os negros como músicos, dançarinos e cantores, como criados, sempre provendo diversão e entretenimento para os brancos. (HARRIS, 2003, p. 45) [...]

Tão popular que artistas brancos passaram a se apresentar às platéias com o rosto pintado de preto e uma área branca ao redor da boca para exagerar o contorno dos lábios. Sob essa caracterização, o menestrel passou a representar o cômico marginal (HARRIS, 2003, p. 51) e se tornou uma imagem popular nos Estados Unidos reconhecida tanto por pessoas da elite branca quanto pela classe operária. Muitas das configurações e ideias sobre os negros eram sintetizadas pela figura do menestrel (CHINEN, 2013, p. 47)



Figura 5 - Comediante Billy Van e prática do *black face*, 1900⁵

A partir do momento que a imagem dos menestréis passou a circular também na mídia impressa, formou-se uma percepção coletiva distorcida dos brancos sobre os negros. Percepção essa que seria persistente nas caricaturas e consequentemente nas histórias em quadrinhos durante muito tempo e um dos principais motivos para a carência de uma representação menos estereotipada de pessoas negras.

⁵ Disponível em <<https://nmaahc.si.edu/explore/stories/blackface-birth-american-stereotype>> acesso em: janeiro de 2023

Segundo McCloud (2006, p. 107), o assunto cor da pele tornou-se popular quando os desenhistas e roteiristas americanos se empenharam em dar voz às preocupações afro-americanas. Nem sempre os resultados eram bem trabalhados, graças às equipes de criação brancas que não sabiam apresentar modelos positivos sem destituir os personagens de humanidade.

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade (SANTOS, 1983, p.17)

Apesar desses problemas, existe um progresso na representação das minorias nas revistas, embora o caminho tenha sido ainda mais acidentado no passado e as estatísticas continuem desoladoras (MCCLLOUD, 2006, p. 13)

4. METODOLOGIA

Após a realização da pesquisa a respeito das condições em que as pessoas negras costumam ser representadas nos quadrinhos brasileiros, foi iniciada a pré-produção da história em quadrinhos.

No primeiro momento, a ideia principal era contar a história de uma personagem que entra em questionamento a respeito da sua identidade racial e que decide procurar por respostas. Importante destacar que um fator a ser evitado na história a ser criada é a presença da violência urbana e a criminalidade, que costumam ser associados com personagens negras (CHINEN, 2013, p. 187).

Ademais, a história seria retratada de uma maneira mais positiva e otimista, de modo que as personagens não fossem atravessadas por momentos de racismo e/ou discriminação - narrativas também associadas diretamente com personagens negros. Obviamente, é algo que acontece na vida real e no mundo comum, porém, foi estabelecido antes da criação da história que não seria esse o conflito que faria com que a personagem descobrisse a sua etnia. Os pontos citados servem para tornar a história mais identificável e mais simples de ser compreendida não apenas por aqueles que passam pelo mesmo conflito que a personagem principal.

4.1 CRIAÇÃO DE PERSONAGENS

A etapa de produção foi iniciada a partir da criação e desenvolvimento das personagens que fariam parte da trama. No contexto da história as personagens vivem em um mundo comum, o que foi um aspecto importante para a criação de um contexto que fosse o mais realista possível.

Segundo Doc Comparato (2000, p. 122), a protagonista é a personagem básica do núcleo dramático principal. Por isso, foi a primeira personagem a ser desenvolvida e a base para a criação dos outros personagens que fariam parte de todo o seu universo.

Para facilitar a construção e a ação da narrativa, é importante desenvolver ao máximo as personagens (COMPARATO, 2000). Por isso, foi criada uma descrição (que também pode ser chamada de perfil ou bio) para cada personagem, onde estão presentes algumas características de fator físico (idade, altura, cor da pele, etc), fator social (família, origens, classe social, etc) e fator psicológico (ambições, anseios, frustrações, perturbações, sensibilidade, percepções, etc) (COMPARATO, 2000, p.130). Essa etapa é importante para que fique claro todas as características das personagens e para que os conflitos sejam bem desenhados no desenvolvimento do roteiro, além de servir como um guia de como são os hábitos das personagens e como elas agiriam em determinadas situações.

As bios das personagens se configurou da seguinte forma:

LARA (PROTAGONISTA): *A personagem é uma garota da espécie humana que está passando pela fase da adolescência. Tem 15 anos e uma altura de 160 cm. Sua pele é negra (em um tom um pouco mais claro) e tem o cabelo cacheado da cor castanho escura. Sua fisionomia é comum. Gosta muito de se vestir com um moletom da cor amarela, que ao mesmo tempo que a destaca em uma multidão é capaz de manter um certo conforto no cotidiano. Esse moletom também é importante por possuir um capuz, que ela gosta muito de usar mesmo sem necessidade. Sua cor principal, como já foi mencionado, é o amarelo. As cores de suporte são o azul e o cinza, presentes no seu vestuário. O traço é um híbrido entre o estilizado e o realista (o estilizado se sobressai).*

Lara, como toda adolescente nascida na geração Z, é bastante conectada à internet. A primeira coisa que faz quando acorda é olhar o celular e atualizar o feed das redes sociais. Está sempre socializando com aqueles que conheceu pelos jogos online e também pelos seus colegas de classe, principalmente Gabi e Caio, seus melhores amigos desde o ensino fundamental.

Sua família é composta por quatro pessoas: seu pai Paulo, sua mãe Roberta, seu irmão Miguel e sua avó Maria. Todos moram na mesma casa e dividem a vida desde sempre em um pequeno bairro na periferia de uma cidade grande brasileira. Nesse momento, Lara está entrando no ensino médio e ainda não sabe o que quer fazer da vida e nem pensa muito nisso, sabe que ainda tem algum tempo para pensar, por isso não deixa essa questão se tornar uma grande preocupação. Inclusive, preocupação é uma das coisas que Lara mais evita. Não gosta de falar sobre política e sobre essas “coisas de adulto”, mesmo sabendo o quanto é importante. Apesar desses problemas e de sua procrastinação constante, é uma boa aluna.

Lara tem muita curiosidade em aprender coisas novas e desenvolver novas ideias sobre as coisas que ela vive, porém, não gosta de ser confrontada e de ter seus pensamentos colocados à prova, por isso prefere ficar calada na maioria das situações em que se sente ameaçada ou vulnerável intelectualmente. Isso se dá principalmente pela sua insegurança.

A adolescência é uma fase de descoberta e de altos e baixos. Lara tem ótimos amigos, uma família muito apoiadora, mas não sabe quem ela é ainda. Sua identidade está atrelada aos outros e não a si própria. Isso a incomoda bastante. Ela possui dentro de si a vontade de participar de algo maior, de pertencer a um grupo. Mas ela ainda não faz ideia de onde encontrar essa comunidade e como poderia fazer algo para mudar isso.

GABI (MELHOR AMIGA): *Gabi é uma garota negra de pele escura com um grande cabelo crespo. Adora mudar sempre de visual e usa diversos penteados e maquiagens para isso. Sua cor preferida é rosa, quase sempre presente em seu vestuário ou com roupas ou por meio de acessórios.*

Gabi é uma das pessoas que Lara mais confia. É uma grande parceira no dia a dia e é considerada a “líder” natural do grupinho de amigos por causa da sua personalidade extrovertida e protetora. Gabi parece ser uma garota muito bem

resolvida com quem ela é, e é sempre a que toma a frente em discussões e debates, pois gosta de ter a sua opinião ouvida. Além disso, sempre tem um comentário ácido e sarcástico, o que pode fazer com que as pessoas às vezes a interpretem como prepotente e irritada, o que não é o caso. Também é conhecida por ser um pouco fofqueira e intrometida.

CAIO (MELHOR AMIGO): Caio é um garoto alto e com um cabelo curto, gosta de usar roupas leves e folgadas, e tenta usar boné também (porém não é permitido na escola). Gosta de usar roupas da cor azul escuro ou preto.

Caio é aquele amigo divertido, sorridente e gente boa. É a personalidade mais leve e calma, que pode ser considerada como o equilíbrio do trio composto juntamente com Gabi (expansiva) e Lara (introspectiva). Não chega a ser tão extrovertido quanto Gabi, mas não é tão calado como Lara. Fala o essencial, sempre tem pelo menos um pequeno comentário para dar. É aquele que gosta de se divertir e de aproveitar a vida sem deixar de sentir todas as emoções que a experiência humana proporciona. Não tem medo de estar errado e de parecer burro, pois sabe que erros ensinam. Gosta de consumir coisas relacionadas a dança e esporte.

MAYA (PROFESSORA): Maya é uma mulher negra com um cabelo preto e grande. Usa dread no cabelo e sempre impressiona as pessoas por cuidar muito bem dele. Usa óculos e suas cores preferidas são branco e laranja.

Maya é a professora de sociologia da escola onde Lara estuda. É aquela professora que todos os alunos gostam e recorrem quando precisam de algum conselho ou de alguma orientação. Isso ocorre por causa de sua sabedoria e inteligência, habilidades que fazem com que Maya consiga lidar de forma mais leve com todos os adolescentes cheios de conflitos internos e externos que vão assistir aula diariamente com ela. Também já foi uma pessoa que precisou de orientação em algum momento da vida, por isso, todo o conhecimento que adquiriu em sua vida foi para ajudar aqueles que precisam.

ROBERTA (MÃE): Roberta é uma mulher negra e sua filha se parece muito com ela fisicamente. Ela é uma mulher muito atarefada e trabalhadora, por isso, está sempre correndo para conseguir lidar com todas as responsabilidades com o trabalho e com a sua família. Porém, ela dá conta de tudo, assim como a grande

maioria das mulheres brasileiras na mesma situação que ela. Não tem medo de fazer o que for preciso para proteger aqueles que ama.

PAULO (PAI): *Paulo é um homem branco de meia idade. É muito carinhoso e atencioso com os seus filhos e faz de tudo para estar presente na vida deles. Entretanto, como um homem comum e um pouco desatento, não tem muita consciência política e social, o que pode fazer com que ele não entenda alguns problemas mais amplos que aqueles que estão próximos dele estão passando.*

MARIA (AVÓ): *Maria é uma mulher negra. Passou por muitas experiências complexas e delicadas em sua vida que poderiam torná-la uma pessoa totalmente diferente do que é. É uma pessoa com uma mente mais aberta do que parece. Sua aparência de mulher idosa e humilde esconde uma mulher independente e a frente do seu tempo.*

MIGUEL (IRMÃO): *Miguel é um garoto que ainda está na sua infância, por isso, não tem uma identidade muito bem definida ainda. É um garoto muito animado e cheio de energia. Como toda criança da sua idade, gosta muito de brincar e de explorar o mundo dentro daquilo que é possível para ele. É muito próximo da sua irmã e da sua avó, pessoas com que ele passa mais tempo.*

A protagonista, Lara, possui um perfil mais extenso que os outros personagens justamente por estar presente em toda a narrativa, enquanto os outros possuem apenas participações pontuais. Em possíveis continuações ou em outras histórias, as descrições das demais personagens seriam maiores e mais detalhadas.

Se tratando do aspecto visual das personagens, elas foram criadas de modo a evitar os estereótipos gráficos negativos utilizados historicamente de forma comum em personagens negras:

Harris (2001, p. 29-30) cita que alguns estudos procuravam associar características fenotípicas dos negros como pele escura, cabelos crespos, lábios mais grossos e narizes largos como sendo indicadores de degeneração mental e moral (CHINEN, 2013, p. 46)

Além dos traços da personalidade, também foi tomado um cuidado de desenvolver personagens que representassem a diversidade da negritude, com tons de peles e tipos de cabelos variados.

A escolha do tom de pele negro mais claro da pele da protagonista da história também foi intencional, para que estivesse de acordo com o conflito interno de identidade racial da personagem de não se identificar totalmente com nenhum rótulo racial.

O processo de concepção das artes conceituais da personagem foi feito primeiramente no papel, com testes de proporção, de estilos e de expressões faciais. Posteriormente, quando as características físicas foram inteiramente decididas, os desenhos foram transferidos para o formato de ilustrações digitais, que foram feitas através do Photoshop.

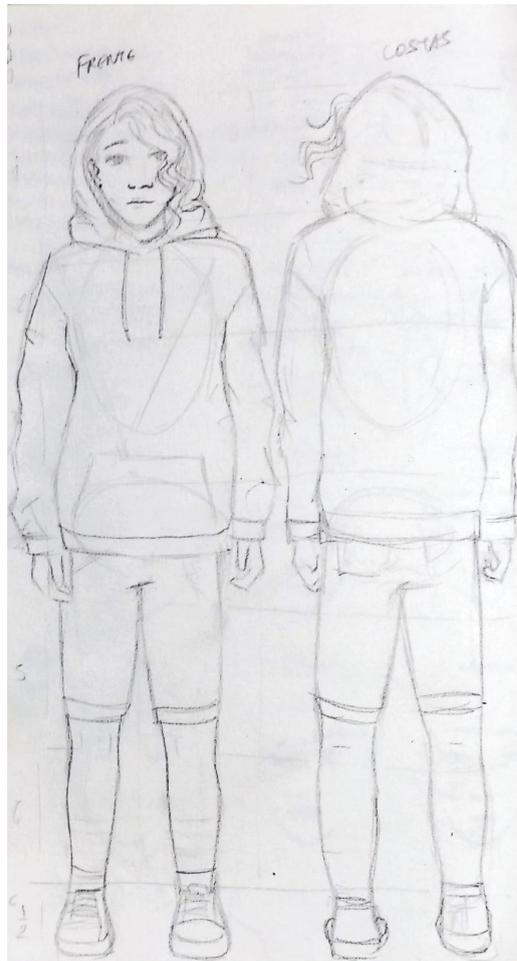


Figura 6 - Lara: primeiros esboços, com lápis e papel (frente e costas) (Fonte: Elaboração Própria)



Figura 7 - Lara: primeiros esboços, com lápis e papel (lado e visão em perspectiva) (Fonte: Elaboração Própria)

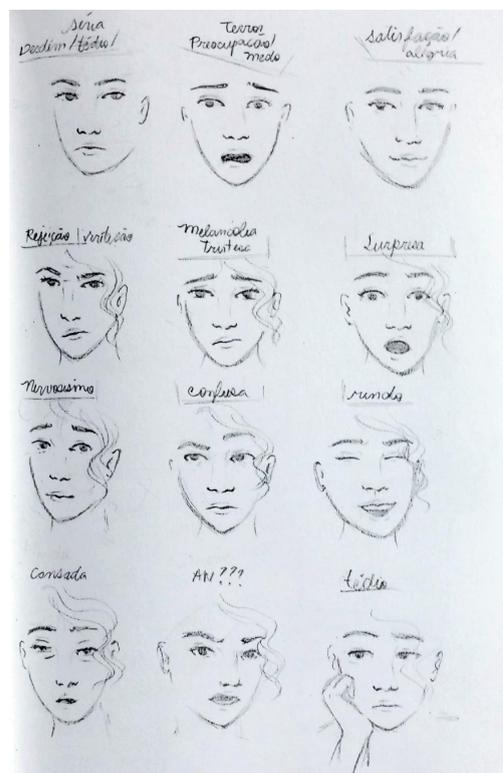


Figura 8 - Rascunhos das expressões faciais (Fonte: Elaboração Própria)

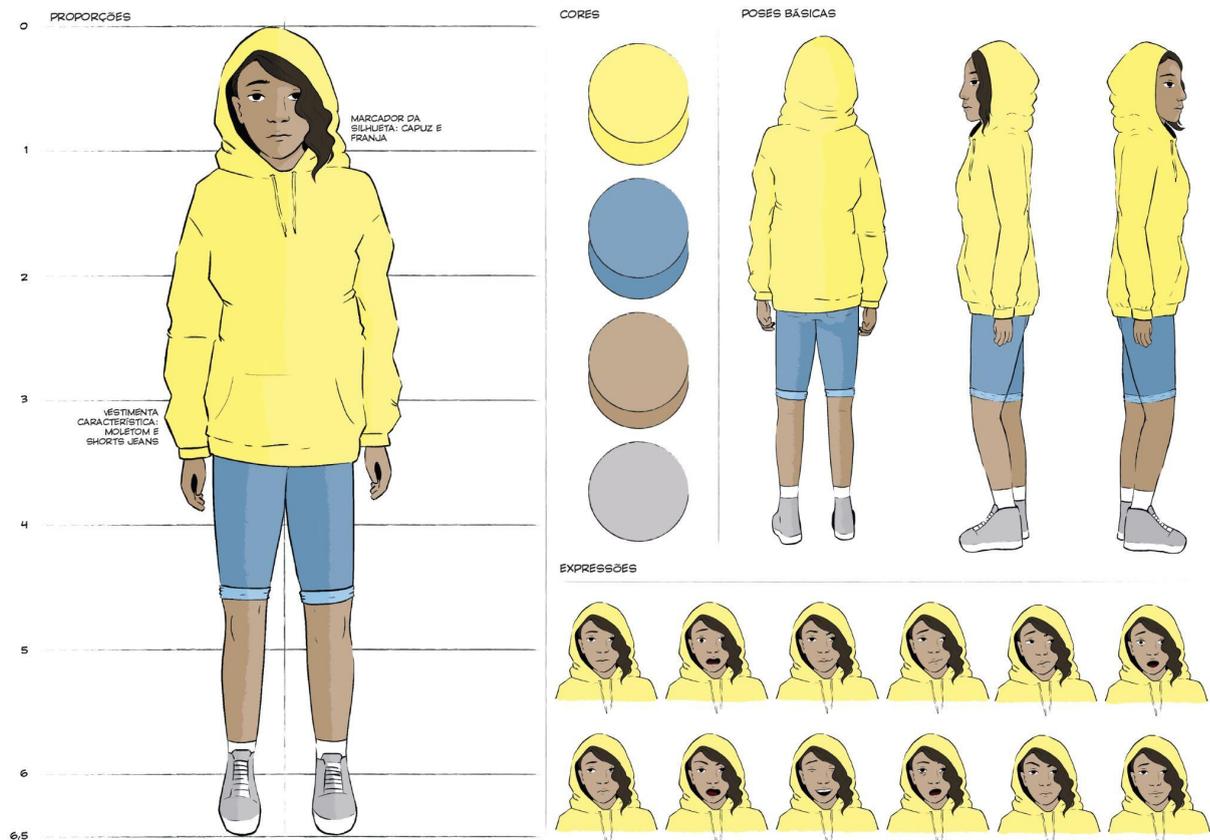


Figura 9 - Prancha da arte conceitual finalizada de Lara (Fonte: Elaboração Própria)

4.2 STORYLINE E SINOPSE

Antes de partir para a construção da narrativa e escrita do roteiro, foram desenvolvidos o *storyline* e a sinopse da história. Definida por Comparato (2000, p. 99) como a expressão mínima do conflito e a mais breve das sinopses, a *storyline* é uma curta descrição que se torna o ponto de partida da história que vai ser desenvolvida, que deve ser realizada de forma concisa e eficaz. Ao contrário de uma sinopse, que representa de forma um pouco mais detalhada aspectos da trama como o quando (a temporalidade), o onde (a localização), o quem (as personagens) e qual a história que vai ser contada (COMPARATO, 2000, p. 120), a *storyline* sintetiza o conflito-matriz escolhido - ou seja, o quê.

A ideia da história se inicia com Lara, estudante do ensino médio, que, ao realizar a inscrição para o vestibular pela primeira vez, não consegue responder com certeza uma das perguntas obrigatórias para a conclusão da inscrição: qual é a sua

etnia. O conflito-matriz é gerado quando Lara entra em um questionamento para responder essa pergunta o mais rápido possível, antes que chegue o prazo para o fechamento das inscrições.

Sendo assim, o *storyline* foi concebido da seguinte maneira: *“Após ser surpreendida com um questionamento sobre quem ela é, Lara parte em busca de respostas sobre a sua identidade racial antes do fim do período de inscrições do vestibular”*.

A sinopse, ou argumento, é desenvolvida sob o formato de texto e pode ser considerada a primeira forma textual de um roteiro. Nela são especificados de maneira mais clara e concreta os acontecimentos da história. (COMPARATO, 2000, p. 122). Devem estar contidos nela as personagens e acontecimentos principais, de forma resumida. Tendo o que foi dito, a sinopse foi então elaborada dessa forma: *“Quando precisa fazer pela primeira vez a inscrição para o vestibular da universidade da sua cidade, Lara fica em dúvida sobre que opção marcar quando é perguntada sobre a etnia com a qual ela se identifica. Por ser uma dúvida que nunca teve, a jovem decide partir em uma busca atrás de respostas com aqueles que mais confia na sua escola e em sua própria casa antes que o prazo para a realização das inscrições seja finalizado ao escurecer do dia”*.

4.3 ROTEIRO

Após a concepção da ideia, da construção dos personagens e da elaboração do *storyline* e da sinopse, a próxima etapa foi o desenvolvimento do roteiro. O roteiro é o princípio de um processo visual e não o final de um processo literário (COMPARATO, 2000, p. 20):

Escrever um roteiro é um processo passo a passo. Um passo de cada vez. Primeiro, encontra-se um tema; depois, estrutura-se a idéia; em seguida, definem-se as personagens; mais tarde, procuram-se os dados que façam falta; posteriormente, estrutura-se o primeiro ato em fichas de 3x5; então, escreve-se o roteiro, dia a dia. Primeiro o primeiro ato, depois o segundo, e depois o terceiro. Quando o primeiro rascunho está pronto, fazem-se uma revisão profunda e as alterações necessárias para o ajustar à dimensão adequada. Por último é preciso poli-lo até estar pronto para ser visto por todos. (COMPARATO, 2000, p. 22)

Inicialmente foi realizado um rascunho do roteiro contendo apenas uma separação das principais cenas e os ambientes em que essas cenas aconteceriam (quarto da protagonista, casa da protagonista, escola que ela frequenta, etc), além de um exercício de imaginar quais personagens estariam em cada uma das cenas e como aconteceriam essas transições de ambiente.

Um bom roteiro, como outros trabalhos criativos, brota de cuidadosos rascunhos; edifica-se sobre traçados e tratamentos de uma história cimentada sobre rocha sólida. [...] o importante é sentir que por detrás de uma idéia existe uma história. Em outras palavras, descobrir a quantidade de história oculta que existe numa idéia. (COMPARATO, 2000, p. 79)

Ainda na fase inicial, o roteiro também foi dividido em três atos principais: a introdução e apresentação do problema (a apresentação dos personagens, as primeiras interações das personagens, o primeiro aparecimento do conflito), a escolha e o desenvolvimento da ação (o desenvolvimento do conflito principal através dos diálogos da protagonista com as outras personagens) e por fim, a solução do conflito (COMPARATO, 2000, p. 148).

Num drama básico, apresentamos o problema, o desenvolvemos de acordo com o tipo de personagem que escolhemos e, finalmente, criamos a solução do problema.

Em cada uma destas etapas, a personagem irá atuando e gerará conflitos:

Entrará em conflito perante o problema.

Terá mais conflitos ao procurar a solução.

Chegará ao final por meio do conflito. (COMPARATO, 2000, p.148-149)

Com os três atos (início, meio e fim) bem delimitados, foi desenvolvido o storytelling. Como a linguagem utilizada é a dos quadrinhos, que utiliza as imagens e as palavras juntas para o desenvolvimento da narrativa, esse foi o momento para separar o que seria mostrado em cada quadro e quantos quadros seriam necessários por página para que a história seguisse um ritmo satisfatório. Assim, foram produzidos os diálogos de cada cena e a roteirização foi finalizada (ver apêndice 7.1).

“Escrever” para quadrinhos pode ser definido como a concepção de uma idéia, a disposição de elementos de imagem e a construção da sequência da narração e da composição do diálogo. É, ao mesmo tempo, uma parte e o todo do veículo. Trata-se de uma habilidade especial, cujos requisitos nem sempre são comuns a outras formas de criação “escrita”, pois lida com uma tecnologia singular. Quanto a seus requisitos, ela está mais próxima da escrita teatral, só que o escritor, no caso das histórias em quadrinhos, geralmente também é o produtor de imagens (artista). (EISNER, 1989, p. 122)

No primeiro momento da história somos apresentados à Lara e sua família, em um dia comum. Sua mãe Roberta e seu pai Paulo estão indo trabalhar juntos e sobra para ela levar o seu irmão Miguel para a escola. Sua avó Maria está em casa, como de costume, assistindo televisão e realizando suas atividades domésticas. Ao conversar com a sua mãe, Lara tenta fazer uma pergunta, mas é interrompida devido à correria da família.

Depois de deixar seu irmão na escola e chegar em seu colégio, Lara encontra seus dois melhores amigos, Gabi e Caio, esperando por ela. É através da conversa com os dois que descobrimos o que tanto a incomoda. Ela é aconselhada por eles a ter uma conversa com Maya, a professora de Sociologia. Mesmo tendo intimidade para desabafar sobre o problema com seus amigos, eles não teriam capacidade para dar uma orientação tão boa quanto Maya, que a aconselha a olhar para dentro de si e para sua ancestralidade. Ao refletir sobre o conselho, Lara opta por ter uma última conversa com a sua avó.

Ao conversar com a sua avó pela primeira vez sobre qual a sua etnia, Lara percebe a resposta para a sua crise de identidade, finalmente entende o que é ser uma pessoa negra e aceita internamente tudo o que isso significa e todas as consequências (negativas e positivas) que virão com essa mudança. Ao completar o seu arco de transformação, fica nítido tudo o que muda dentro dela, pois a sua insegurança com sua identidade racial deixa de existir e Lara se torna um pouco mais consciente sobre como a aceitação da negritude afeta ela e todos ao seu redor.

4.4 TÍTULO

O título da história foi escolhido ao fim da roteirização, a partir de algumas passagens significativas da jornada da personagem principal presentes na história. A primeira situação é que o conflito principal da personagem precisa ser resolvido até o crepúsculo, ou seja, até o momento em que o dia está escurecendo. Esse momento do dia - que não é totalmente dia e não é totalmente noite - se relaciona diretamente com a pergunta da protagonista: ela é negra ou não? Qual o lugar que ela pertence e ocupa de fato? Qual identidade ela se identifica mais? Qual a identidade que os outros associam à ela?

Outro motivo para esse título é o uso da expressão “esclarecer” que, na língua portuguesa, significa algo como “tornar algo claro”, “elucidar” ou “tornar compreensível”. A personagem passa a história inteira em confusão, sem uma resposta concreta para a sua dúvida - ou seja, sem esclarecimento. A ironia é que o seu conflito se resolve justamente ao perceber que a resposta da pergunta “com qual etnia você se identifica?” é: “preta”. E, palavras como “escurecer” e semelhantes (como obscurecer, enturvar, enegrecer, denegrir, etc..) são associadas a coisas negativas. Tornar algo escuro ou descobrir-se escuro não precisa ser algo ruim, e “Ao anoitecer” surge justamente dessa constatação.

4.5 STORYBOARD

O storyboard, ou esboço sequencial, foi feito inicialmente de forma experimental com lápis em papel. O objetivo era testar formas de dispor os quadros em cada página de acordo com o roteiro e também de esquematizar os enquadramentos de cada quadro, ou seja, os ângulos que seriam utilizados, o que seria mostrado de cada personagem, etc. Também foi o momento de resolver graficamente os espaços que seriam ocupados pelos balões de fala e de pensamento.

Depois de ter realizado o esboço de experimentação, foi o momento de transferir o storyboard para o formato digital para que fosse iniciada a produção da história em quadrinhos em si. Os desenhos e a diagramação dos quadros foram feitos no tamanho A4 (21cm X 29,7cm) no modo retrato. Após a conclusão do storyboard (ver apêndice 7.2), a etapa de pré-produção foi finalizada e foi iniciada a finalização da história em quadrinhos.

4.6 PRODUÇÃO

A produção da história em quadrinhos foi realizada a partir do momento em que todas as outras etapas estavam completamente concluídas. Com os personagens criados, a história escrita e os desenhos do storyboard criados, a primeira coisa a ser feita nessa etapa é a finalização dos desenhos digitalmente,

através do Photoshop. Com os esboços feitos, aqui foi necessário apenas concluir as ilustrações e corrigir possíveis imprecisões nos traços mais livres e espontâneos que eram realizados nos rascunhos.



Figura 10 - Exemplo de página do storyboard, com desenhos não finalizados (Fonte: Elaboração Própria)

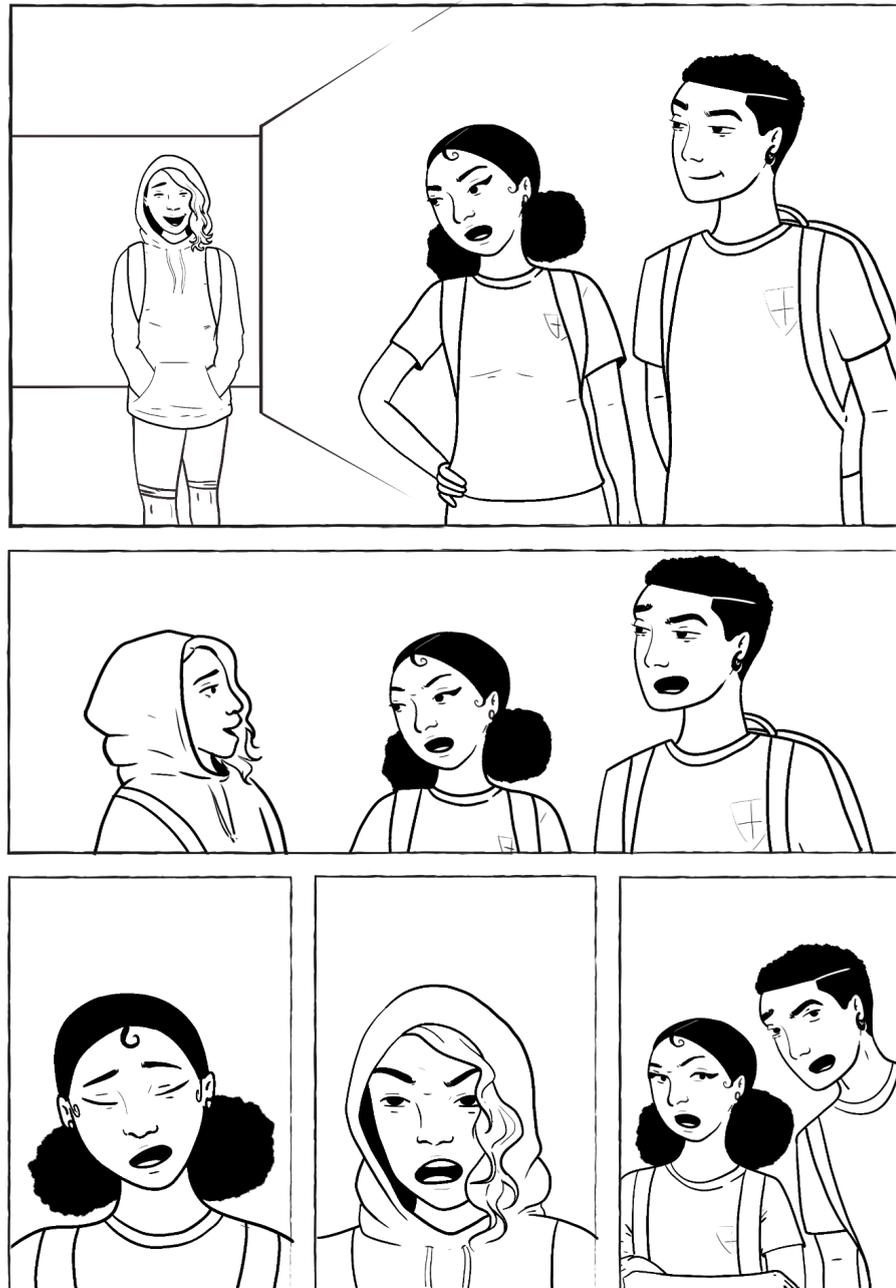


Figura 11 - Exemplo de página com o desenho digital finalizado (Fonte: Elaboração Própria)

Após os contornos dos desenhos estarem devidamente finalizados, foi realizada a colorização das páginas. As cores principais utilizadas em toda a história foram variações de tons de amarelo, turquesa e violeta - além das cores das peles dos personagens, algo importante para a narrativa e para a identificação visual de cada um deles.

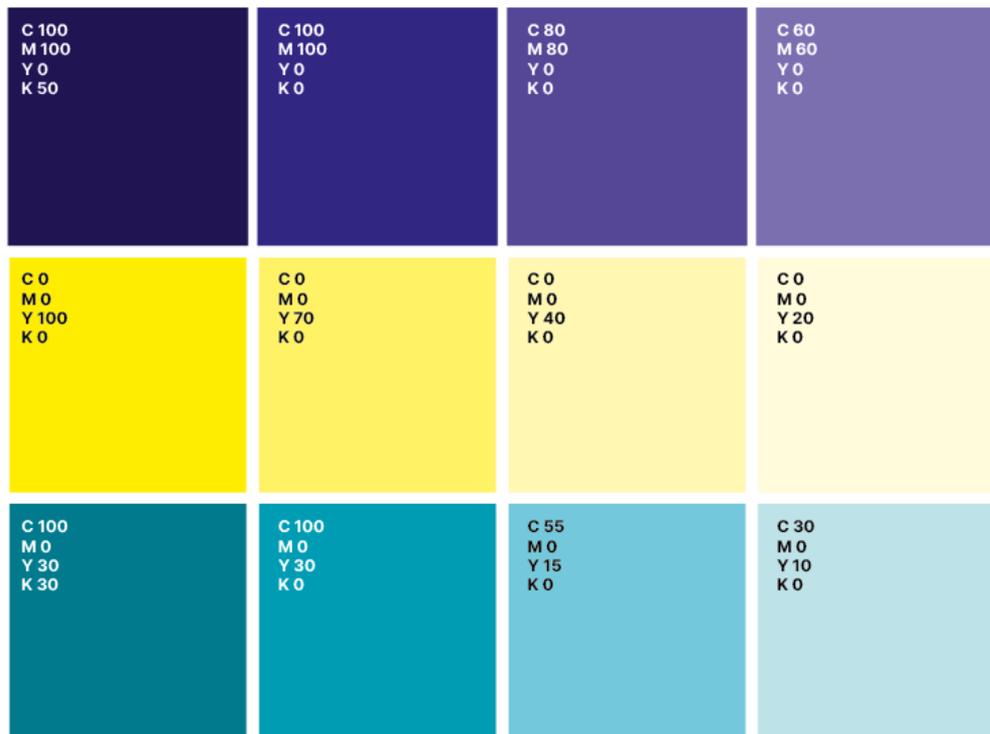


Figura 12 - Paleta de cores (Fonte: Elaboração Própria)



Figura 13 - Paleta das cores de pele dos personagens (Fonte: Elaboração Própria)



Figura 14 - Exemplo de página finalizada e colorizada (Fonte: Elaboração Própria)

Com todas as páginas finalizadas, colorizadas e com os balões de diálogos adicionais devidamente, a última etapa a ser concluída foi a organização de todas elas em um só documento. Assim, a história em quadrinhos “Ao escurecer” foi concluída.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de desenvolver uma história em quadrinhos como o produto final para o projeto de conclusão de curso foi uma ideia iniciada com um propósito simples, que era a exploração de certas habilidades artísticas, como o desenho, que não são muito exploradas durante as outras disciplinas da graduação oferecidas na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. A experimentação dessa linguagem tão emblemática juntamente com o tema da representação e da representatividade das pessoas negras nos produtos de mídia brasileiros foi um desafio instigante e estimulante.

Encontrar formas de representar graficamente a negritude sem o uso de estereótipos negativos e de formas de discriminação que podem ser consideradas sutis de serem percebidas é um esforço que deve ser sempre pensado por aqueles que produzem cultura no Brasil. Inclusive nos quadrinhos, linguagem que já foi bastante utilizada para disseminar o uso de narrativas que prejudicam o olhar da sociedade para com as pessoas negras.

Foi realizada uma breve pesquisa e análise crítica para entender como as formas de representação racial aconteciam nos quadrinhos brasileiros, entretanto, descobrir todos os personagens negros existentes e analisar todas as narrativas contadas através deles seria impossível devido ao período dedicado para o desenvolvimento do produto. Ainda mais levando em conta que não são registros fáceis de serem encontrados e que de fato existe uma escassez de personagens negros no decorrer da história dos quadrinhos brasileiros. Tal limitação poderia ser explorada futuramente.

É possível perceber um avanço nas produções em quadrinhos que subvertem os estereótipos e narrativas raciais. Como não é tão necessário estar vinculado a uma grande editora para publicar uma história em quadrinhos atualmente, devido a popularização dos modos de leitura digital, são cada vez mais comuns que sejam publicadas histórias que são produzidas por escritores independentes e por pequenas editoras.

O modo que foi encontrado para representar positivamente a negritude brasileira visualmente e narrativamente foi com o uso de recursos gráficos que

demonstram a diversidade cultural dessa população, com o uso de diferentes tons de pele, diferentes personalidades e evitando os estereótipos negativos previamente apresentados. Isso foi possível graças aos métodos utilizados durante toda a produção da história, principalmente relacionados à criação de personagens e de roteirização.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. Editora Ática, 1975.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.27.2013.tde-21082013-155848. Acesso em: 2022-08-30.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

D'ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo. **Afro-Ásia**, n. 19-20, 1997.

DE OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier. Histórias em quadrinhos e suas múltiplas linguagens. **Revista Crioula**, n. 2, 2007.

EISNER, W. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 1ª ed. bras.. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

hooks, b. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante Editora, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

LOPES, Romildo Sérgio. Representação da Identidade Negra nas histórias em quadrinhos. In: **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto. 2012**.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo, Makron Books, 1995

MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos:** como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte. São Paulo: M. Books, 2006. 243 p. ISBN 858938482

7. APÊNDICE

7.1 ROTEIRO

Roteiro "Ao escurecer"

Storyline:

Após ser surpreendida com um questionamento sobre quem ela é, Lara parte em busca de respostas sobre a sua identidade racial antes do fim do período de inscrições do vestibular.

Sinopse:

Quando precisa fazer pela primeira vez a inscrição para o vestibular da universidade da sua cidade, Lara fica em dúvida sobre que opção marcar quando é perguntada sobre a etnia com a qual ela se identifica. Por ser uma dúvida que nunca teve, a jovem decide partir em uma busca atrás de respostas com aqueles que mais confia na sua escola e em sua própria casa antes que o prazo para a realização das inscrições seja finalizado ao escurecer do dia.

Página 1

1º QUADRO

Lara está sentada na sua cama com o celular na mão

Página 2

1º QUADRO

Lara rola o feed de notícias de uma rede social com os dedos de forma muito rápida

2º QUADRO

Lara para de rolar e o feed mostra uma publicação com a legenda: "Não se esqueça estudante, se encerram hoje as inscrições para o vestibular"

3º QUADRO

Lara desliga o celular e suspira se mostrando preocupada

4º QUADRO

Lara ainda sentada na sua cama escuta batidas na porta

Roberta (ainda do lado de fora) - Filha, já tá pronta?

LARA - Tô sim, mãe. Já tô saindo!

Página 3

1° QUADRO

Lara sai do quarto e vê toda a sua família agitada na sala

ROBERTA -

Vou precisar que você leve o seu irmão na escola hoje. O carro do seu pai quebrou e eu vou ter que sair mais cedo para levar ele pro serviço.

MARIA (sentada) - Você ainda vai levar ele pro trabalho? Esse traste não serve nem pra ir de ônibus?

2° QUADRO

ROBERTA (levemente brava) - Credo mãe, não fala assim dele!

PAULO - Calma amor, eu sei que ela tá brincando.

MARIA (com um tom de sarcasmo) - Tô brincando sim, pode ter certeza.

Página 4

1° QUADRO

ROBERTA - Eu vou sair um pouco mais cedo pra conseguir buscar seu irmão na escola e depois busco o seu pai, pode vir direto pra casa depois. Te vejo de noite.

LARA - Tudo bem, mãe...

2° QUADRO

ROBERTA - Antes que eu saia, acabei de ler que as inscrições do vestibular se encerram hoje. Você tá sabendo?

LARA - Tô sim, mas...

3° QUADRO

ROBERTA (dando um beijo em Lara) - Ótimo, de noite a gente se fala. Estamos super atrasados, até mais.

4° QUADRO

LARA - É que eu ia perguntar se... deixa pra lá, até...

Página 5

1° QUADRO

PAULO (no banco do passageiro): tchau filhos, vejo vocês mais tarde

MIGUEL (do lado de Lara no portão de casa) - Tchau pai!

2° QUADRO

MIGUEL (estendendo as mãos para Lara) - vamos logo, Lara. senão a gente vai se atrasar também!

LARA - vamos sim.

MARIA (pela janela) - É melhor irem logo mesmo! Tomem cuidado!

3° QUADRO

Lara e Miguel de costas andando em direção à escola.

LARA - Pode deixar.

Página 6

1° QUADRO

LARA (chegando perto deles) - E aí, Gabi! E aí, Caio! Como estão?

Gabi e Caio na porta da escola esperando por Lara.

GABI - Até que enfim você chegou! Não aguentava mais esperar, achei que nem viria mais

2° QUADRO

LARA - Desculpa, tive que levar o Miguel na escola e...

GABI - Não importa, tivesse me avisado antes!

CAIO - Calma aí, Gabi. Não é pra tanto

3° QUADRO

GABI - Desculpa, é que hoje eu tô muito nervosa. Você sabia que é o último dia para a inscrição do vestibular e eu...

4° QUADRO

LARA (com um pouco de raiva) - Quer saber, CHEGA! Eu não aguento mais esse assunto, já é a terceira vez que me falam disso e o dia nem começou direito!

5° QUADRO

GABI - Nossa... agora eu que fiquei surpresa. Quase nunca te vejo tão brava, o que tá acontecendo?

Caio - É Lara, você não é assim.

Página 7

1° QUADRO

LARA - Eu que peço desculpas agora gente, é que esse assunto do vestibular me deixou um pouco estressada

2° QUADRO

GABI - Ué? Por qual motivo? A gente ainda tá no primeiro ano, nem vale muita coisa. Não é pra tanto...

CAIO - Não era você que tinha dito que estava nervosa?

3° QUADRO

GABI - Agora não é hora de falar sobre mim, Caio. Estamos ajudando nossa amiga.

É sério, Lara. O que aconteceu?

4° QUADRO

LARA - Eu não consegui fazer a inscrição ainda. Não consegui responder uma questão.

5° QUADRO

GABI - Que questão? É um formulário tão simples. Se achou essas perguntas difíceis eu tenho uma péssima notícia pra te dar...

6° QUADRO

LARA - É que... Não sabia qual das opções marcar quando me perguntaram qual era a minha cor.

Página 8

1° QUADRO

Caio e Gabi olhando um para o outro, incrédulos e um pouco confusos.

2° QUADRO

GABI - Lara, você não acha que essa resposta não é um pouco... óbvia?

CAIO - Um pouco? Olha só pra ela...

3° QUADRO

LARA - Não é nada óbvio! Meu pai é branco, minha mãe é parda. Achei que eu fosse só... morena. Sei lá, nunca parei para pensar sobre isso para falar a verdade.

4° QUADRO

GABI - Olha, pra mim só tem uma resposta. Mas acho melhor você falar com a professora Maya. Ela estuda sobre essas coisas e vai poder te ajudar melhor que a gente.

5° QUADRO

CAIO - E é melhor ir logo, as inscrições terminam às 18h59. Não pode passar de hoje.

6° QUADRO

LARA (um pouco triste) - Claro... É melhor eu ir logo.

Página 9

1° QUADRO

LARA (no canto da porta) - Oi, professora, posso entrar... Espero não estar incomodando.

MAYA (sentada na mesa com um monte de papéis) - Claro, Lara. Já já o pessoal chega pra aula, então a gente pode conversar enquanto isso. Inclusive, a sua turma só tem aula amanhã, o que te traz aqui hoje?

2° QUADRO

LARA - Então, é que esse assunto não podia esperar. Eu vou ser rápida. Queria saber: qual é a minha "etnia", professora?

MAYA - Hmm... Você sabe que não é uma resposta tão simples, né?

3° QUADRO

LARA - Eu sei que não, mas... Todos fazem parecer como se fosse. Eu preciso fazer a inscrição do vestibular até o fim do dia e eu não faço ideia do que marcar. Ainda não sei o que eu sou, mas sei que não quero ser uma daquelas pessoas que roubam a vaga de quem precisa, ou que finge ser quem não é.

4° QUADRO

MAYA - É admirável que você esteja se preocupando com isso, Lara. Mas, no Brasil, o IBGE usa o sistema de autodeclaração para identificar a cor da população. Você é a única pessoa que pode determinar o que você é.

5° QUADRO

LARA - Mas isso não parece ser justo. Como posso dizer que sou algo quando nem eu mesma tenho certeza disso ainda?

Página 10

1° QUADRO

MAYA - Sabia que esse é um processo muito comum para nós, pessoas negras? A gente passa a vida inteira se escondendo e evitando dizer quem a gente é por pura negação. Por mais que não pareça, isso é um reflexo do racismo: esvaziar a gente da nossa identidade para a gente se sentir sempre inferior e não

se libertar de todas as violências que sofremos a vida inteira. Mas a verdade é que não tem nada melhor que descobrir que não tem nada de ruim em ser negro. Muito pelo contrário, o conhecimento liberta. Se te ajuda um pouco, tenta olhar pra quem você é. Pra dentro de você e para sua ancestralidade. A resposta pode ser mais simples do que você imagina. Você me compreende?

2° QUADRO

LARA - Sim, professora. Acho que estou conseguindo entender, obrigada.

3° QUADRO

(barulho de sinal)

4° QUADRO

LARA - Deu a minha hora. Vou refletir sobre isso.

5° QUADRO

LARA (Balão de pensamento) - Olhar pra dentro de mim. Olhar para a minha ancestralidade.

Página 11

1° QUADRO

Lara chega em casa e encontra sua avó sentada no sofá.

LARA - Oi, vó.

MARIA - Oi, Larinha.

2° QUADRO

LARA (guardando a mochila)- Preciso da sua ajuda, a senhora é a única que pode me ajudar.

MARIA - Claro minha filha, só eu que tô aqui.

LARA - Para de graça, vó, dessa vez é sério.

MARIA - Já tá me deixando com medo, me diga logo..

3° QUADRO

LARA - Quando você soube que era negra?

MARIA - Como assim?

LARA - Quando você teve certeza?

4° QUADRO

MAIRA - Uai, minha filha, desde sempre. A gente sempre sabe.

5° QUADRO

LARA - Mas sempre foi óbvio pra você? Minha professora fala muito sobre violência e racismo, mas não lembro de ter sofrido com nada desses problemas na minha vida. Será que eu só posso dizer que sou negra se tiver passado por alguma discriminação? Isso é tão horrível...

Página 12

1° QUADRO

Lara e Maria ainda sentadas no sofá

MARIA - É, você é de um tempo muito mais aberto pra esse assunto. Na minha época a gente não falava sobre isso. Quando a gente é diferente o tratamento também é, todo dia lembravam a gente qual era o nosso lugar.

LARA - Como assim?

MARIA - A gente ouvia muita coisa. Ser como a gente era a pior coisa que podia acontecer. A gente não conseguia nem dizer o que a gente era: negro. Chamavam de "moreninho", "escurinho", como se falar negro fosse xingamento. Mas era mesmo, só usavam essa palavra quando era pra ofender.

LARA - Isso é horrível, vó. Mas... parece que até hoje ainda é assim.

MARIA - Mas a gente pode sentir a melhora. É bom que você esteja rodeada de pessoas iguais a você, que não te falam as coisas que eu já cheguei a ouvir. Mas não esquece que tudo isso é muito maior que só você ou só eu.

LARA - É verdade. Sinto muito por você ter passado por tudo isso, vó.

E obrigado por tudo que você disse, me ajudou muito.

2° QUADRO

LARA - Mas agora, eu preciso ir pro meu quarto. Tenho que resolver um problema.

3° QUADRO

MARIA - Tá, mas não demora que a gente vai jantar quando a sua mãe chegar com seu irmão e seu pai.

LARA (entrando no quarto) - Pode deixar

Página 13

1° QUADRO

Lara para na frente do espelho.

2° QUADRO

Lara tira o capuz

3° QUADRO

Plano detalhe no cabelo cacheado de Lara

5° QUADRO

Plano detalhe nos olhos de Lara se virando para o lado

6° QUADRO

Plano detalhe no horário do relógio do computador marcando 18:35

Página 14

1° QUADRO

Lara indo sentar na frente do computador.

LARA (balão de pensamento) - Vamos acabar logo com isso.

2° QUADRO

Plano detalhe dos olhos de Lara na frente do computador.

3° QUADRO

A tela do computador paralisada na pergunta "Qual etnia você se identifica?"

4° QUADRO

A tela do computador mostrando as opções

5° QUADRO

O mouse clica na opção "Negra".

6° QUADRO

O mouse clica na opção "Concluir formulário".

Página 15

1° QUADRO

Lara está na sala de aula sentada do lado dos seus amigos conversando e rindo.

MAYA - Bom dia, pessoal. Vamos dar uma pausa na conversa por enquanto que a aula de hoje é bem importante...

2° QUADRO

MAYA - Devido a alguns questionamentos que recebi, achei que seria legal adiantar uma aula que ia dar em alguns dias. Hoje a gente vai aprender um pouco mais sobre Identidade e Diversidade Cultural!

3° QUADRO

Lara sorri para a professora.

MAYA - Espero que com essa aula vocês entendam de uma vez por todas a importância desse tema.

4° QUADRO

GABI - Enquanto a professora ainda tá se arrumando pra começar a aula, vou aproveitar pra te perguntar. Você conseguiu fazer a sua inscrição, Lara?

Página 16

1° QUADRO

LARA - Consegui sim!

GABI - Ótimo.

2° QUADRO

Gabi para de falar, confusa.

3° QUADRO

GABI - O que aconteceu com você hoje? Tá diferente..

CAIO - É mesmo, Lara. Também senti isso.. Ontem você tava bem mal.

4° QUADRO

LARA - É, ontem eu tava um pouco perdida.

5° QUADRO

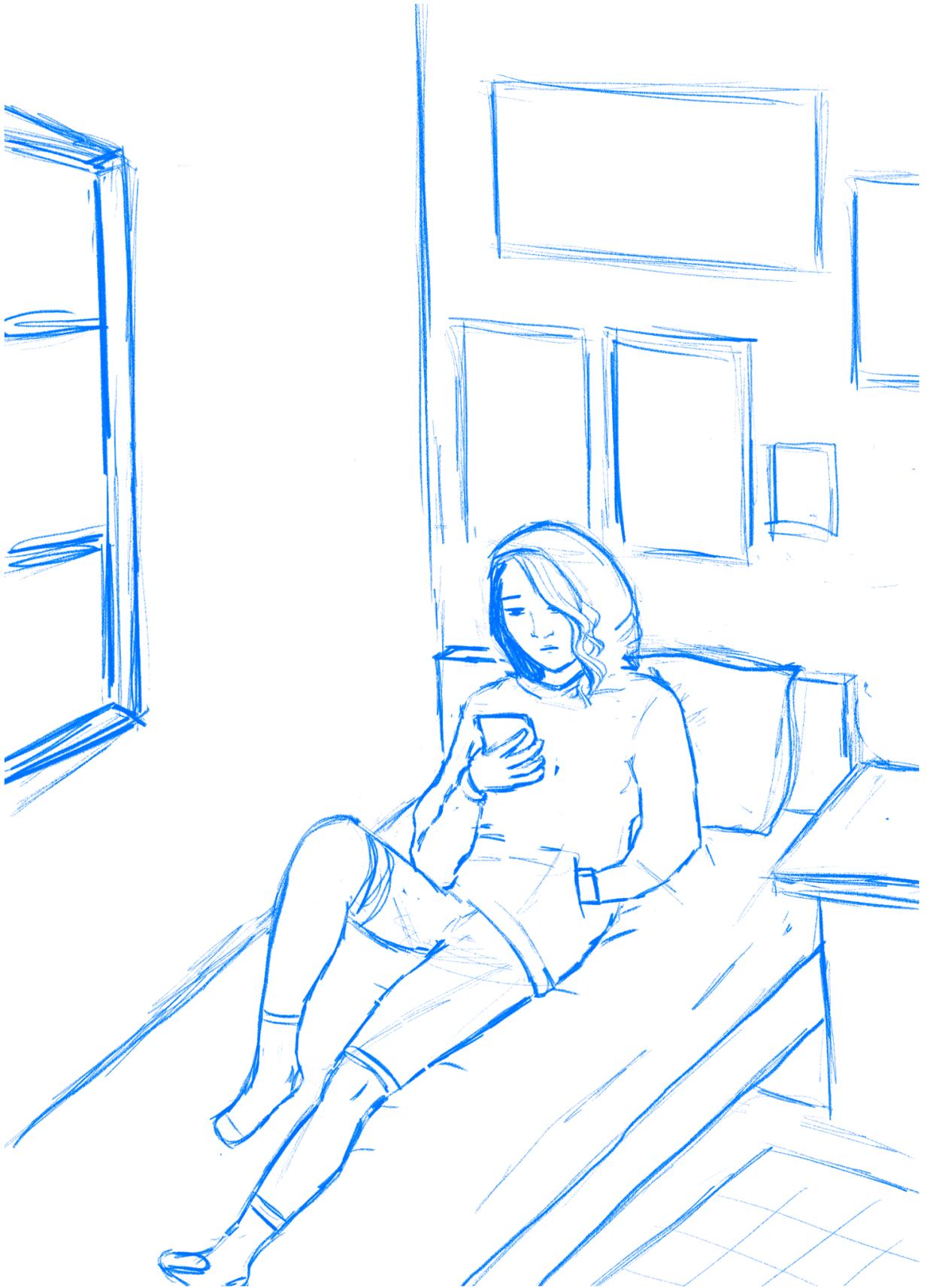
LARA - Mas muita coisa se esclareceu na minha cabeça. Ou melhor..

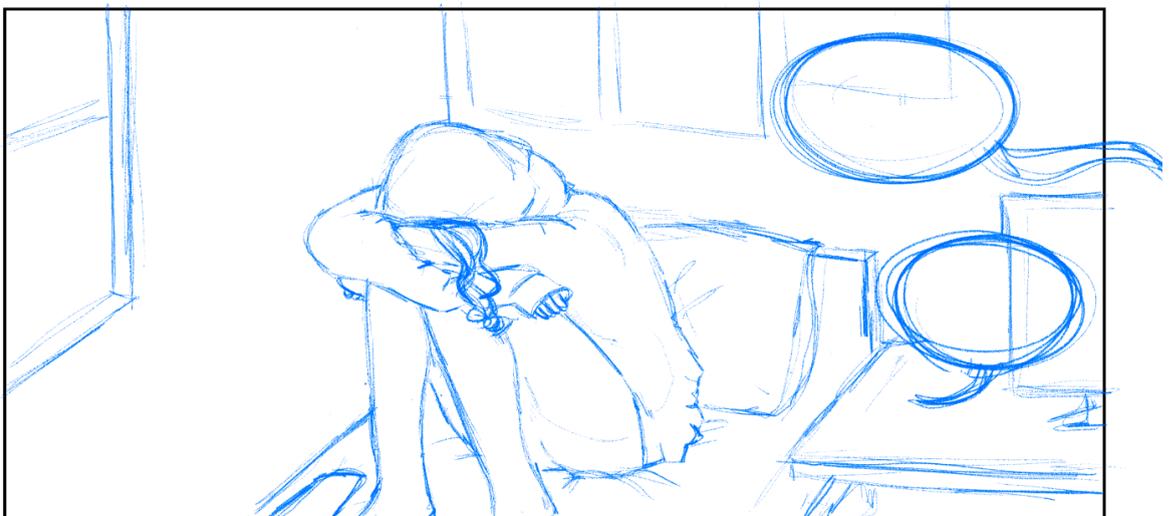
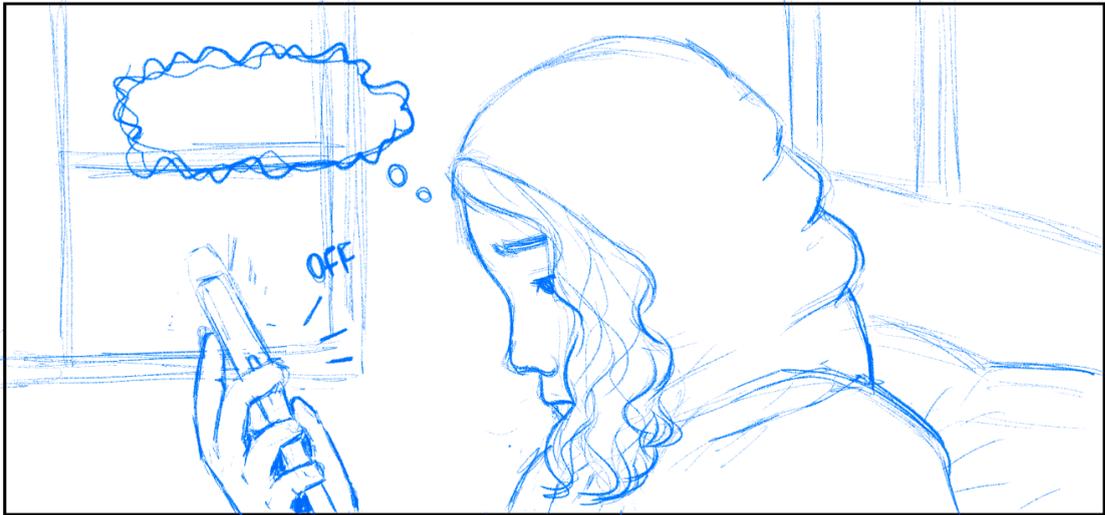
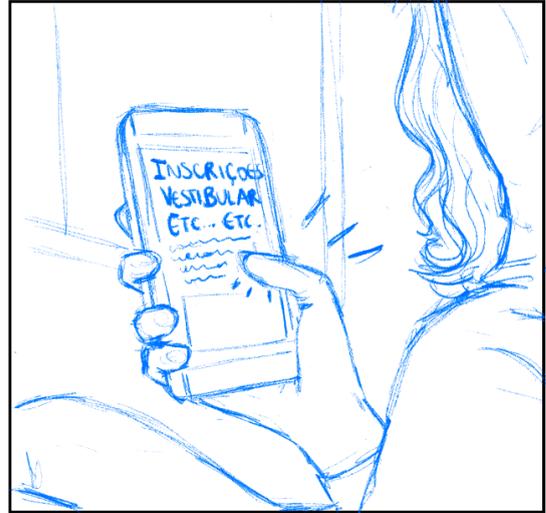
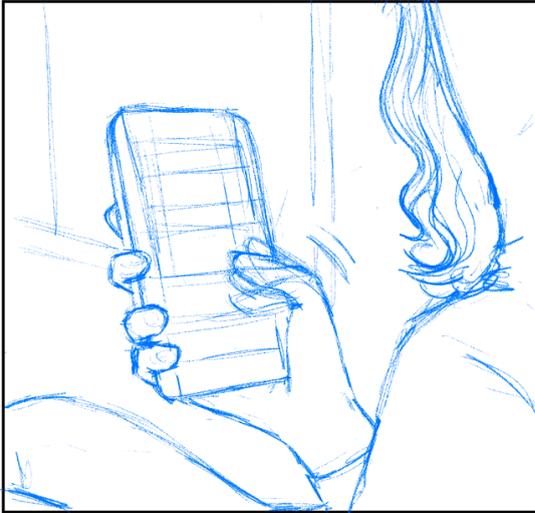
6° QUADRO

LARA - Se escureceu.

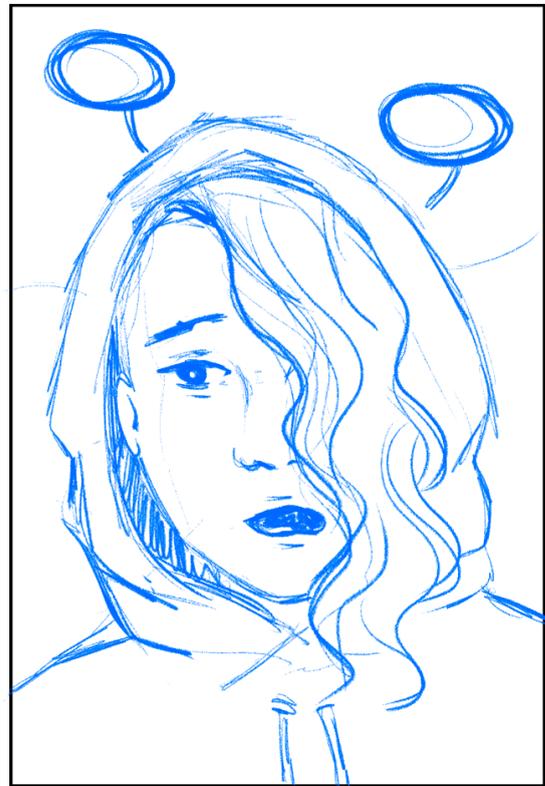
FIM.

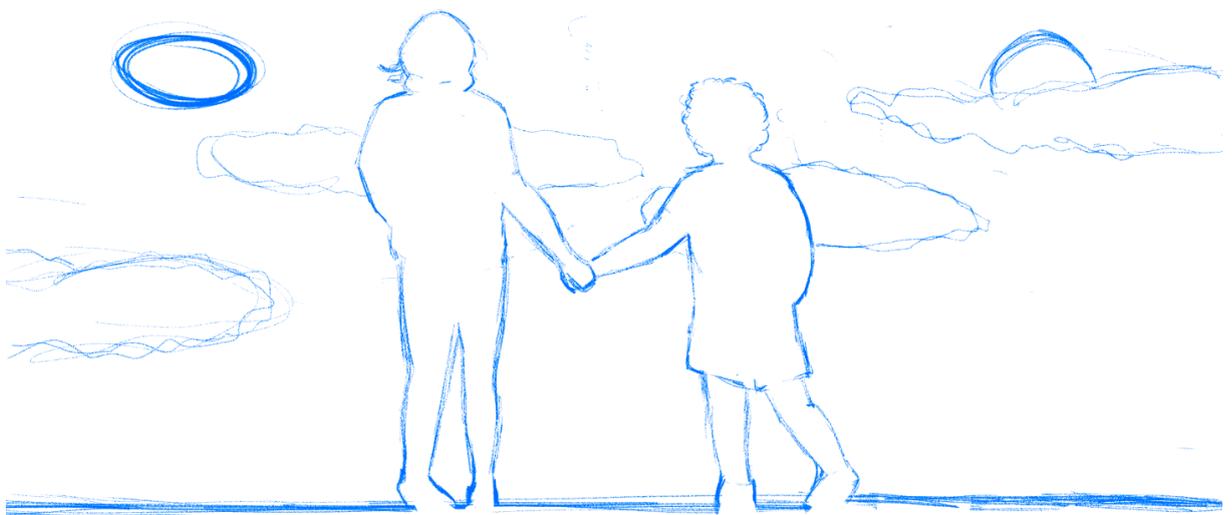
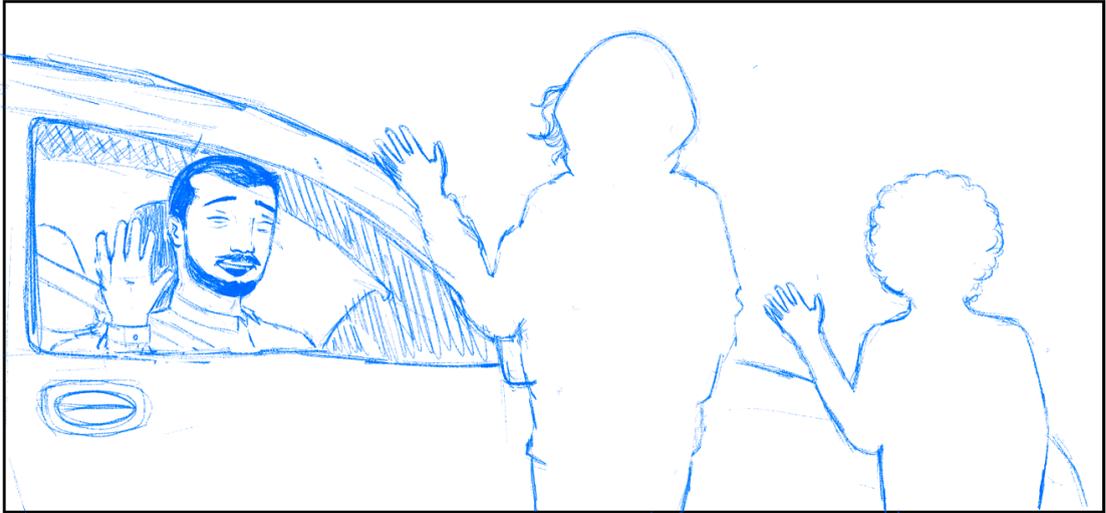
7.2 STORYBOARD



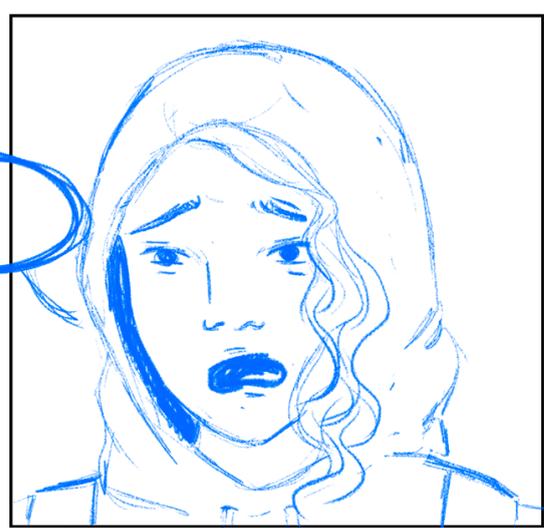


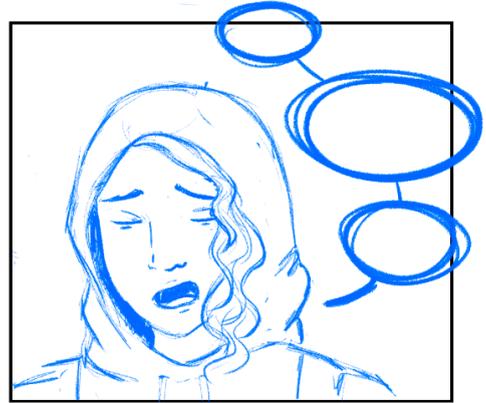




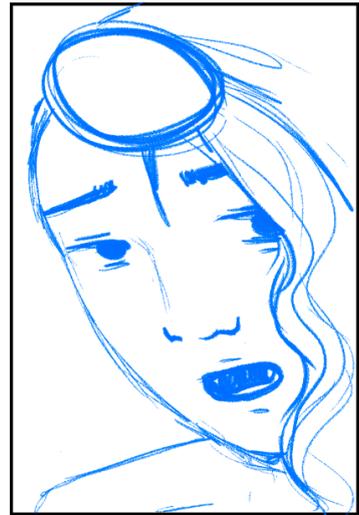
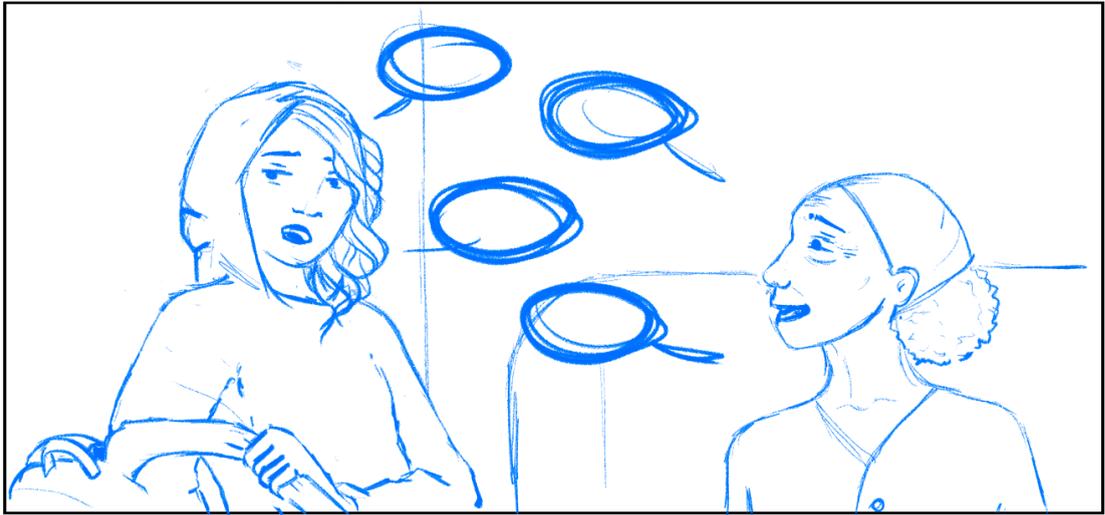
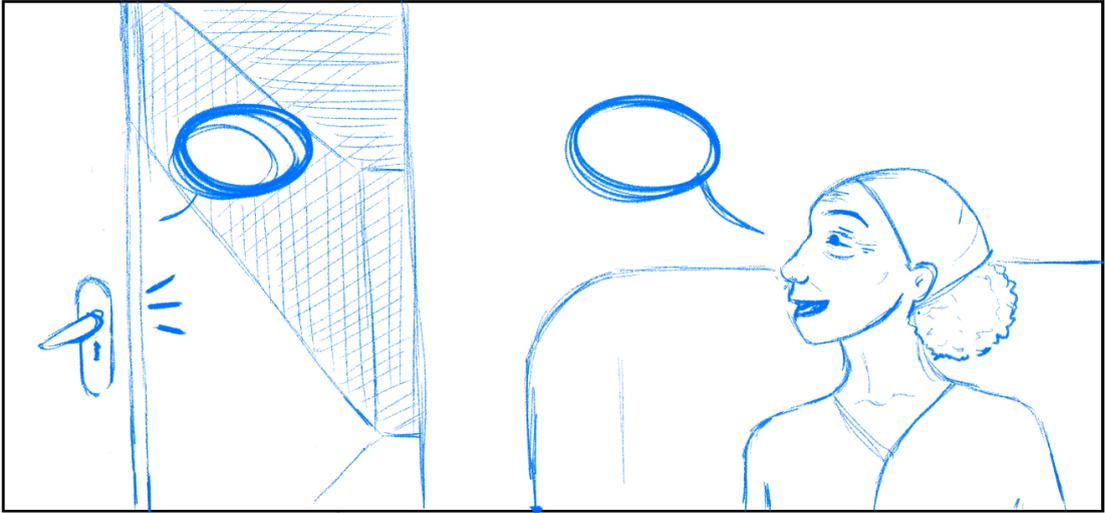


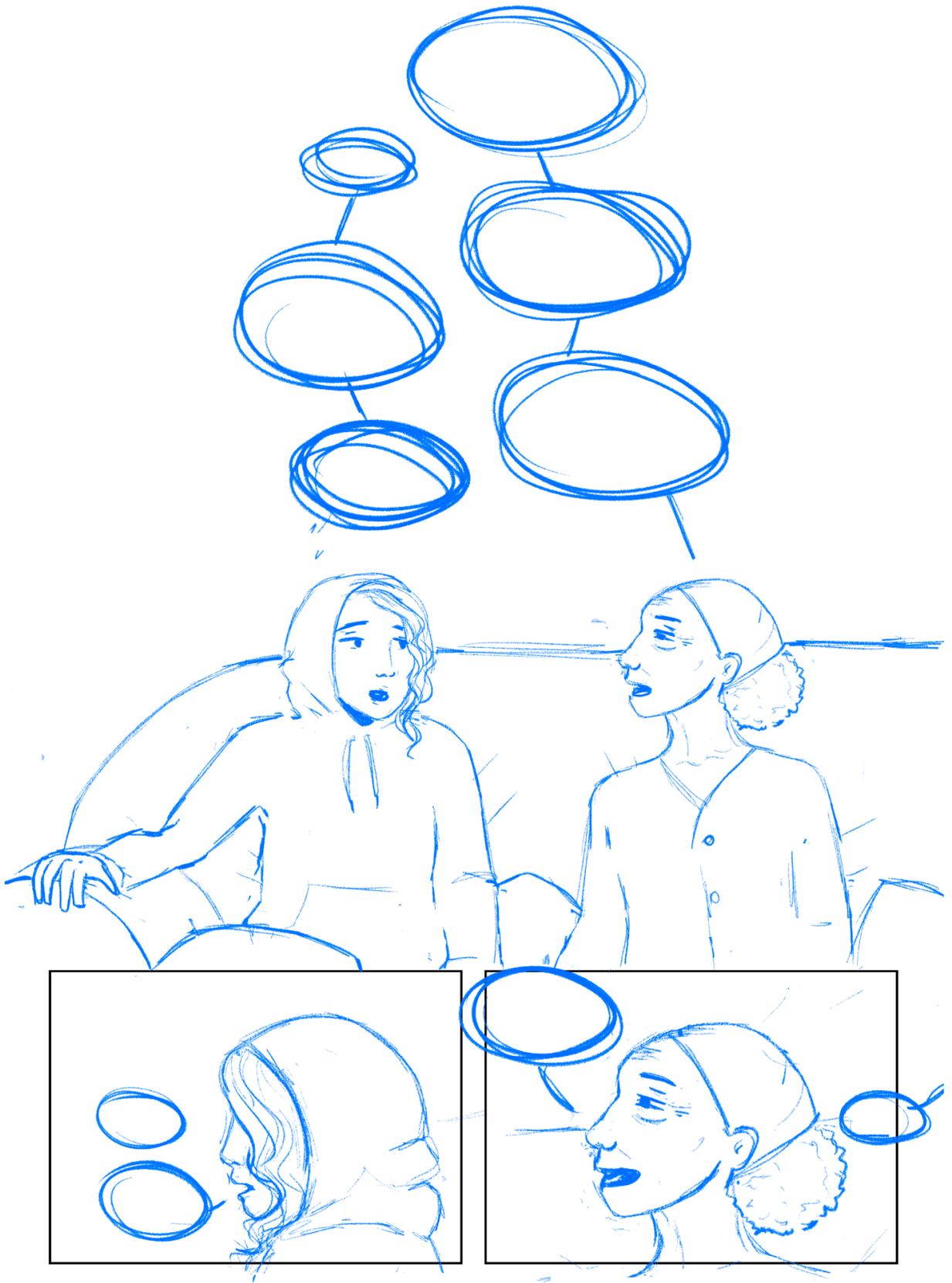


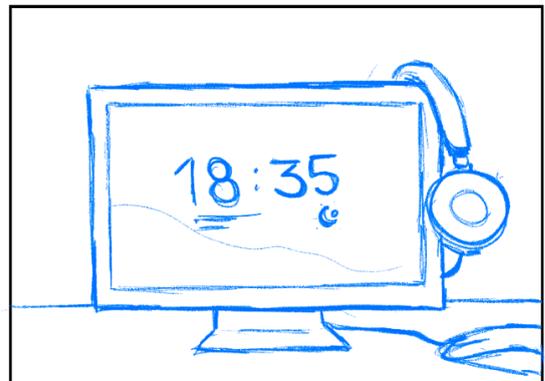
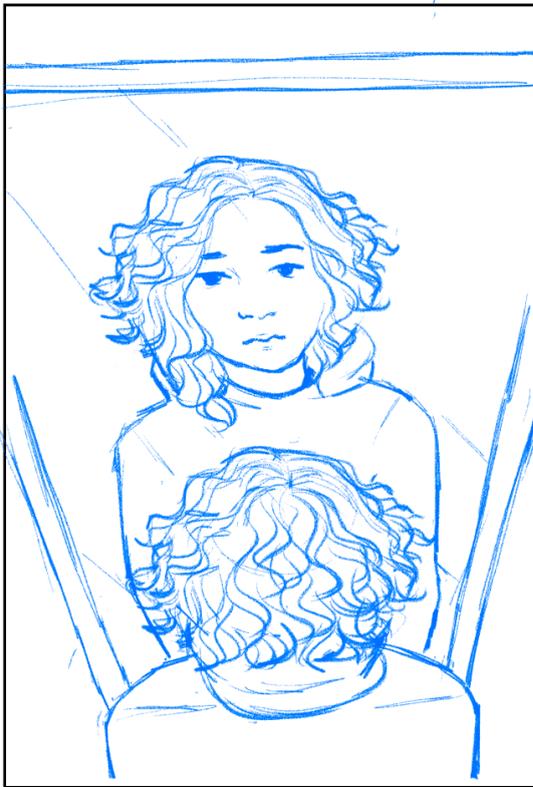
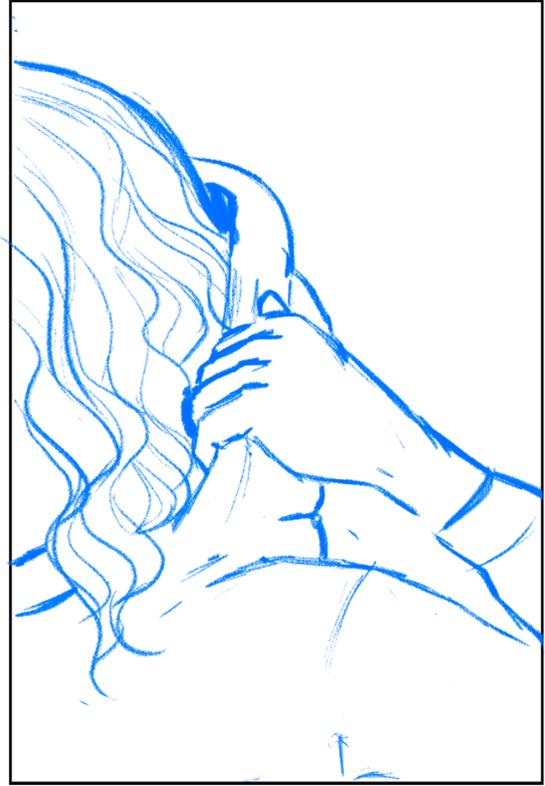


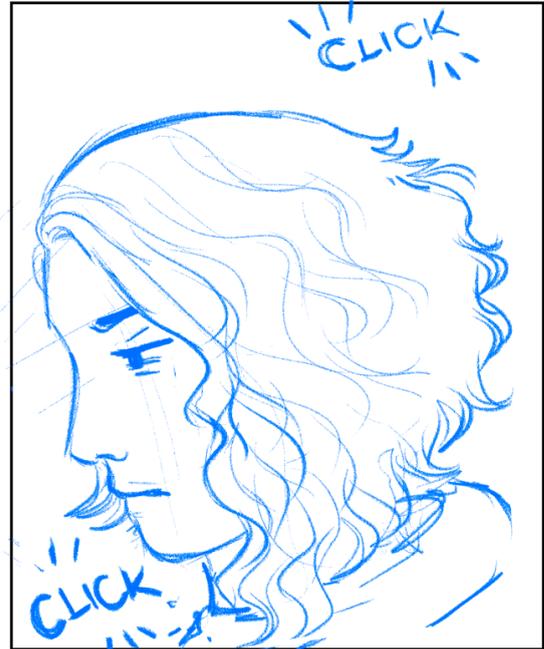












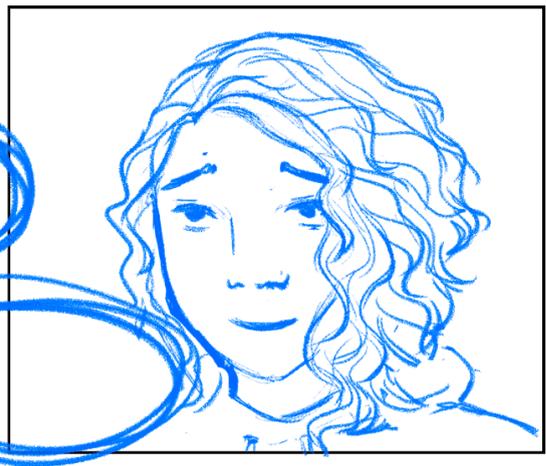
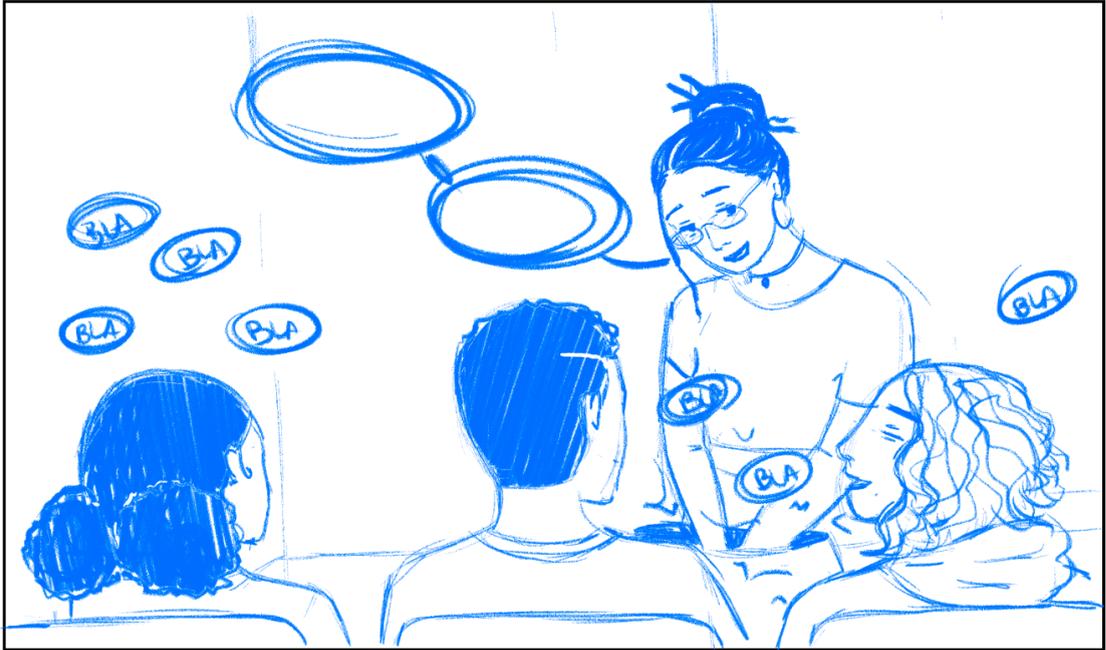
COM QUAL ETNIA VOCÊ SE IDENTIFICA

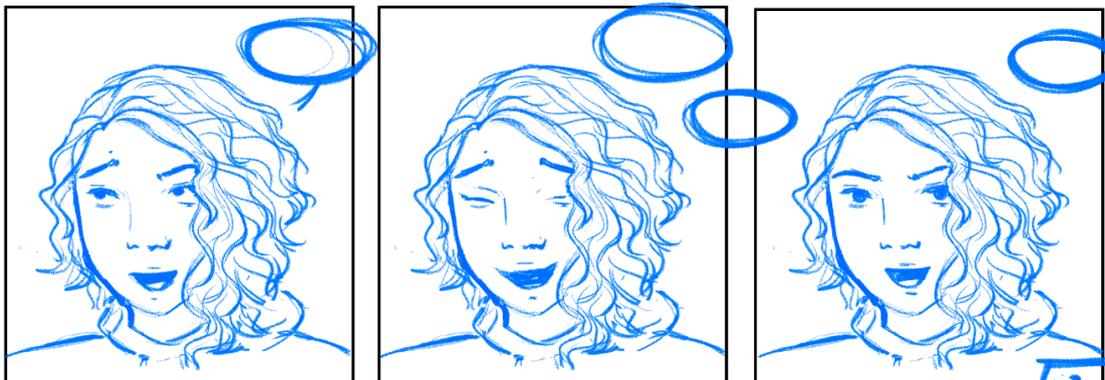
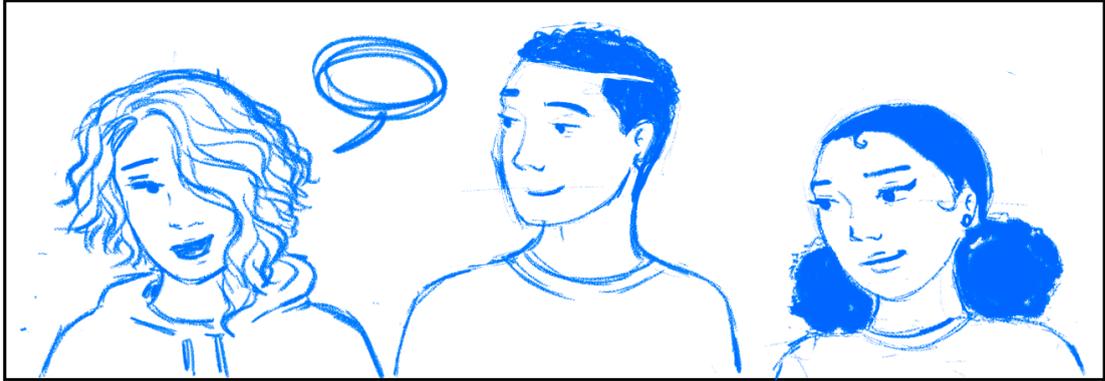
- BRANCO
- PRETO
- PARDO
- AMARELO
- INDÍGENA



CONCLUIR INSCRIÇÃO







JEAN MICHEL RODRIGUES BARROS



40
ESCURECER

JEAN MICHEL RODRIGUES BARROS

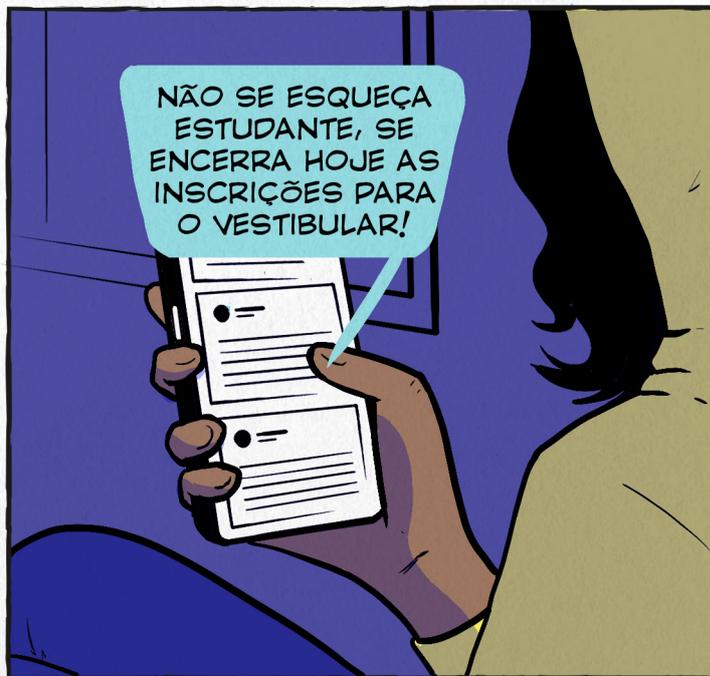
40
ESCURECER

BRASÍLIA/DF
2023

QUANDO PRECISA FAZER PELA PRIMEIRA VEZ A INSCRIÇÃO PARA O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE DA SUA CIDADE, LARA FICA EM DÚVIDA SOBRE QUE OPÇÃO MARCAR QUANDO É PERGUNTADA SOBRE A ETNIA COM A QUAL ELA SE IDENTIFICA.

POR SER UMA DÚVIDA QUE NUNCA TEVE, A JOVEM DECIDE PARTIR EM UMA BUSCA ATRÁS DE RESPOSTAS COM AQUELES QUE MAIS CONFIA NA SUA ESCOLA E EM SUA PRÓPRIA CASA ANTES QUE O PRAZO PARA A REALIZAÇÃO DAS INSCRIÇÕES SEJA FINALIZADO AO ESCURECER DO DIA.





VOU PRECISAR QUE
VOCÊ LEVE O SEU
IRMÃO NA ESCOLA HOJE

O CARRO DO SEU PAI
QUEBROU E EU VOU TER
QUE SAIR MAIS CEDO
PARA LEVAR ELE PRO
SERVIÇO.

VOCÊ AINDA VAI
LEVAR ELE PRO
TRABALHO? ESSE
TRASTE NÃO SERVE
NEM PRA IR DE
ÔNIBUS?



CREDO MÃE,
NÃO FALA
ASSIM DELE!

CALMA AMOR, EU
SEI QUE ELA TÁ
BRINCANDO.

TÔ BRINCANDO SIM,
PODE TER CERTEZA.





EU VOU SAIR UM
POUCO MAIS
CEDO PRA
CONSEGUIR
BUSCAR SEU
IRMÃO NA
ESCOLA E
DEPOIS BUSCO O
SEU PAI, PODE
VIR DIRETO PRA
CASA DEPOIS. TE
VEJO DE NOITE.

TUDO BEM,
MÃE...



ANTES QUE EU
SAIA, ACABEI DE
LER QUE AS
INSCRIÇÕES DO
VESTIBULAR SE
ENCERRAM HOJE.
VOCÊ TÁ
SABENDO?

TÔ SIM, MAS...



ÓTIMO, DE NOITE A GENTE SE FALA.
ESTAMOS SUPER ATRASADOS, ATÉ
MAIS.



É QUE EU IA
PERGUNTAR
SE...

DEIXA PRA LÃ,
ATÉ...





E AÍ, GABI! E AÍ, CAIO!
COMO ESTÃO?

ATÉ QUE ENFIM
VOCÊ CHEGOU!
NÃO AGUENTAVA
MAIS ESPERAR,
ACHEI QUE NEM
VIRIA MAIS



DESCULPA, TIVE
QUE LEVAR O
MIGUEL NA
ESCOLA E...

NÃO
IMPORTA,
TIVESSE ME
AVISADO
ANTES!

CALMA AÍ,
GABI. NÃO É
PRA TANTO



DESCULPA, É QUE HOJE
EU TÔ MUITO NERVOSA.
VOCÊ SABIA QUE É O
ÚLTIMO DIA PARA A
INSCRIÇÃO DO
VESTIBULAR E EU...



QUER SABER, CHEGA!
EU NÃO AGUENTO MAIS
ESSE ASSUNTO, JÁ É A
TERCEIRA VEZ QUE ME
FALAM DISSO E O DIA
NEM COMEÇOU DIREITO!



NOSSA... AGORA EU QUE
FIQUEI SURPRESA. QUASE
NUNCA TE VEJO TÃO BRAVA,
O QUE TÁ ACONTECENDO?

É LARA, VOCÊ
NÃO É
ASSIM.



EU QUE PEÇO DESCULPAS AGORA GENTE, É QUE ESSE ASSUNTO DO VESTIBULAR ME DEIXOU UM POUCO ESTRESSADA



UÊ? POR QUAL MOTIVO? A GENTE AINDA TÁ NO PRIMEIRO ANO, NEM VALE MUITA COISA. NÃO É PRA TANTO...



NÃO ERA VOCÊ QUE TINHA DITO QUE ESTAVA NERVOSA?



AGORA NÃO É HORA DE FALAR SOBRE MIM, CAIO. ESTAMOS AJUDANDO NOSSA AMIGA. É SÉRIO, LARA. O QUE ACONTECEU?



EU NÃO CONSEGUI FAZER A INSCRIÇÃO AINDA. NÃO CONSEGUI RESPONDER UMA QUESTÃO.



QUE QUESTÃO? É UM FORMULÁRIO TÃO SIMPLES. SE ACHOU ESSAS PERGUNTAS DIFÍCEIS EU TENHO UMA PÉSSIMA NOTÍCIA PRA TE DAR...



É QUE... NÃO SABIA QUAL DAS OPÇÕES MARCAR QUANDO ME PERGUNTARAM QUAL ERA A MINHA COR.



LARA, VOCÊ NÃO ACHA QUE ESSA RESPOSTA NÃO É UM POUCO... ÓBVIA?

UM POUCO? OLHA SÓ PRA ELA...



NÃO É NADA ÓBVIO! MEU PAI É BRANCO, MINHA MÃE É PARDA. ACHEI QUE EU FOSSE SÓ... MORENA. SEI LÃ, NUNCA PAREI PARA PENSAR SOBRE ISSO PARA FALAR A VERDADE.

OLHA, PRA MIM SÓ TEM UMA RESPOSTA. MAS ACHO MELHOR VOCÊ FALAR COM A PROFESSORA MAYA. ELA ESTUDA SOBRE ESSAS COISAS E VAI PODER TE AJUDAR MELHOR QUE A GENTE.



E É MELHOR IR LOGO, AS INSCRIÇÕES TERMINAM ÀS 18H59. NÃO PODE PASSAR DE HOJE.

CLARO... É MELHOR EU IR LOGO.





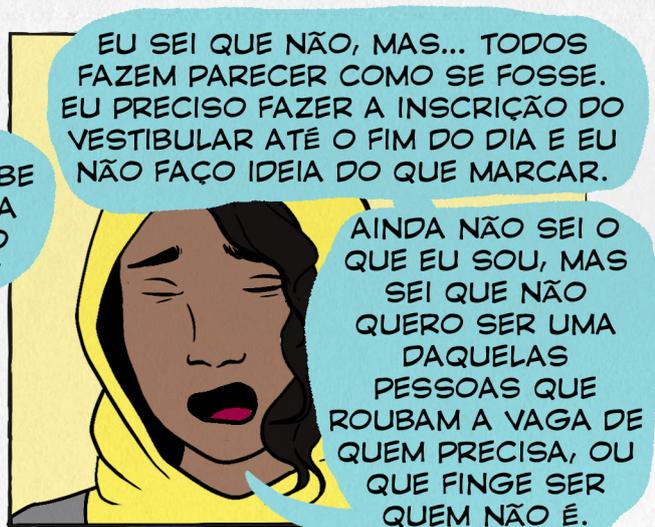
OI, PROFESSORA, POSSO ENTRAR... ESPERO NÃO ESTAR INCOMODANDO.

CLARO, LARA. JÁ JÁ O PESSOAL CHEGA PRA AULA, ENTÃO A GENTE PODE CONVERSAR ENQUANTO ISSO. INCLUSIVE, A SUA TURMA SÓ TEM AULA AMANHÃ, O QUE TE TRAZ AQUI HOJE?



ENTÃO, É QUE ESSE ASSUNTO NÃO PODIA ESPERAR. EU VOU SER RÁPIDA. QUERIA SABER: QUAL É A MINHA "ETNIA", PROFESSORA?

HMM... VOCÊ SABE QUE NÃO É UMA RESPOSTA TÃO SIMPLES, NÉ?



EU SEI QUE NÃO, MAS... TODOS FAZEM PARECER COMO SE FOSSE. EU PRECISO FAZER A INSCRIÇÃO DO VESTIBULAR ATÉ O FIM DO DIA E EU NÃO FAÇO IDEIA DO QUE MARCAR.

AINDA NÃO SEI O QUE EU SOU, MAS SEI QUE NÃO QUERO SER UMA DAQUELAS PESSOAS QUE ROUBAM A VAGA DE QUEM PRECISA, OU QUE FINGE SER QUEM NÃO É.



É ADMIRÁVEL QUE VOCÊ ESTEJA SE PREOCUPANDO COM ISSO, LARA. MAS, NO BRASIL, O IBGE USA O SISTEMA DE AUTODECLARAÇÃO PARA IDENTIFICAR A COR DA POPULAÇÃO. VOCÊ É A ÚNICA PESSOA QUE PODE DETERMINAR O QUE VOCÊ É.



MAS ISSO NÃO PARECE SER JUSTO. COMO POSSO DIZER QUE SOU ALGO QUANDO NEM EU MESMA TENHO CERTEZA DISSO AINDA?

SABIA QUE ESSE É UM PROCESSO MUITO COMUM PARA NÓS, PESSOAS NEGRAS?

A GENTE PASSA A VIDA INTEIRA SE ESCONDENDO E EVITANDO DIZER QUEM A GENTE É POR PURA NEGAÇÃO.

POR MAIS QUE NÃO PAREÇA, ISSO É UM REFLEXO DO RACISMO: Esvaziar a gente da nossa identidade para a gente se sentir sempre inferior e não se libertar de todas as violências que sofremos a vida inteira.

MAS A VERDADE É QUE NÃO TEM NADA MELHOR QUE DESCOBRIR QUE NÃO TEM NADA DE RUIM EM SER NEGRO. MUITO PELO CONTRÁRIO, O CONHECIMENTO LIBERTA.

SE TE AJUDA UM POUCO, TENTA OLHAR PRA QUEM VOCÊ É. PRA DENTRO DE VOCÊ E PARA SUA ANCESTRALIDADE. A RESPOSTA PODE SER MAIS SIMPLES DO QUE VOCÊ IMAGINA. VOCÊ ME COMPREENDE?

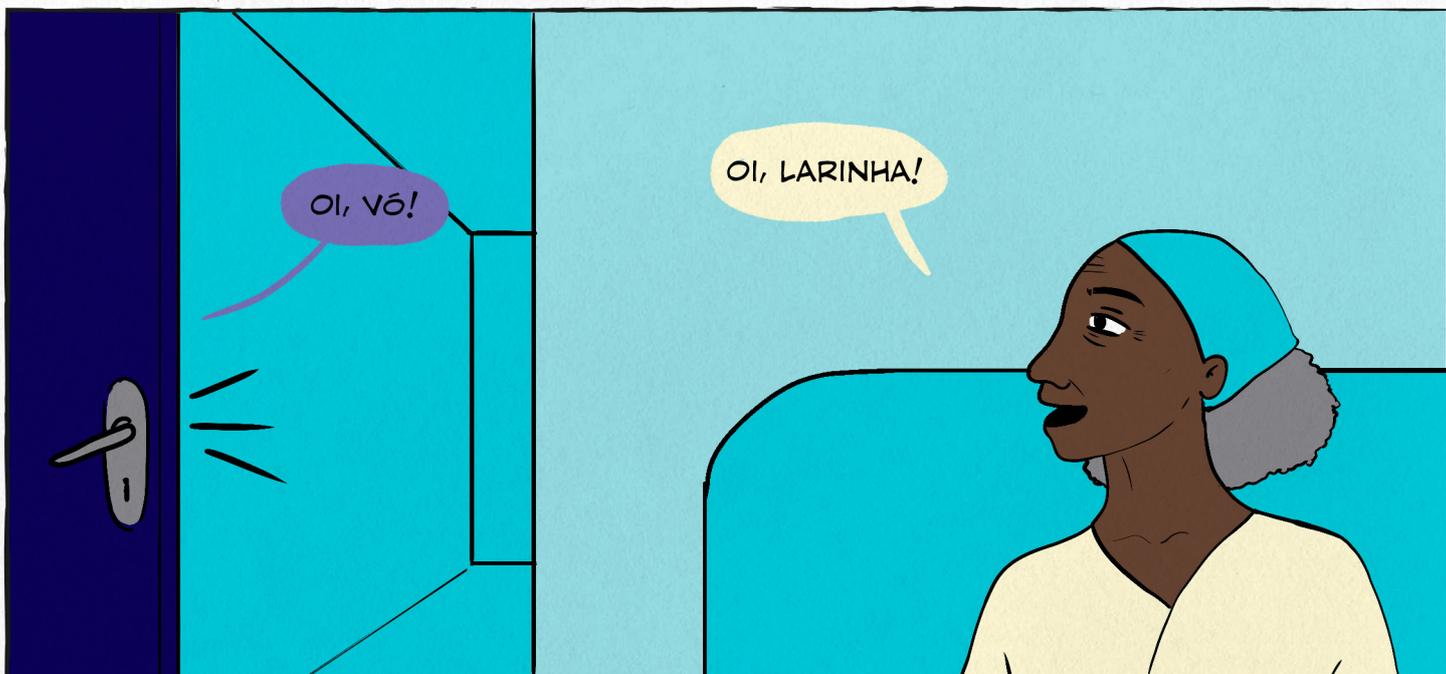
SIM, PROFESSORA. ACHO QUE ESTOU CONSEGUINDO ENTENDER, OBRIGADA.

TRIPPING

DEU A MINHA HORA. VOU REFLETIR SOBRE ISSO.

OLHAR PRA DENTRO DE MIM.

OLHAR PARA A MINHA ANCESTRALIDADE.



OI, VÔ!

OI, LARINHA!



PRECISO DA SUA AJUDA, A SENHORA É A ÚNICA QUE PODE ME AJUDAR.

CLARO MINHA FILHA, SÓ EU QUE TÔ AQUI.

PARA DE GRAÇA, VÔ, DESSA VEZ É SÉRIO.

JÁ TÁ ME DEIXANDO COM MEDO, ME DIGA LOGO...



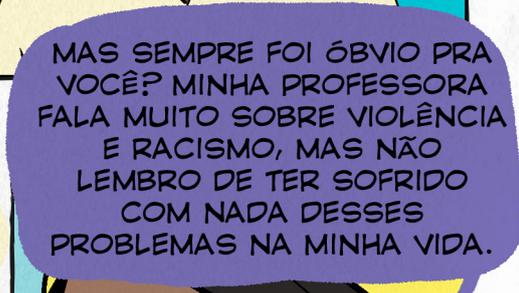
QUANDO VOCÊ SOUBE QUE ERA NEGRA?

COMO ASSIM?

QUANDO VOCÊ TEVE CERTEZA?



UAI, MINHA FILHA, DESDE SEMPRE. A GENTE SEMPRE SABE.



MAS SEMPRE FOI ÓBVIO PRA VOCÊ? MINHA PROFESSORA FALA MUITO SOBRE VIOLÊNCIA E RACISMO, MAS NÃO LEMBRO DE TER SOFRIDO COM NADA DESSSES PROBLEMAS NA MINHA VIDA.

SERÁ QUE EU SÓ POSSO DIZER QUE SOU NEGRA SE TIVER PASSADO POR ALGUMA DISCRIMINAÇÃO? ISSO É TÃO HORRÍVEL...

É, VOCÊ É DE UM TEMPO MUITO MAIS ABERTO PRA ESSE ASSUNTO. NA MINHA ÉPOCA A GENTE NÃO FALAVA SOBRE ISSO.

QUANDO A GENTE É DIFERENTE O TRATAMENTO TAMBÉM É, TODO DIA LEMBRAVAM A GENTE QUAL ERA O NOSSO LUGAR.

COMO ASSIM?

A GENTE OUVIA MUITA COISA. SER COMO A GENTE ERA A PIOR COISA QUE PODIA ACONTECER. A GENTE NÃO CONSEGUIA NEM DIZER O QUE A GENTE ERA: NEGRO. CHAMAVAM DE "MORENINHO", "ESCURINHO", COMO SE FALAR NEGRO FOSSE XINGAMENTO. MAS ERA MESMO, SÓ USAVAM ESSA PALAVRA QUANDO ERA PRA OFENDER.

ISSO É HORRÍVEL, VÔ. MAS... PARECE QUE ATÉ HOJE AINDA É ASSIM.

MAS A GENTE PODE SENTIR A MELHORA. É BOM QUE VOCÊ ESTEJA RODEADA DE PESSOAS IGUAIS A VOCÊ, QUE NÃO TE FALAM AS COISAS QUE EU JÁ CHEGUEI A OUVIR. MAS NÃO ESQUECE QUE TUDO ISSO É MUITO MAIOR QUE SÓ VOCÊ OU SÓ EU.

É VERDADE. SINTO MUITO POR VOCÊ TER PASSADO POR TUDO ISSO, VÔ. E OBRIGADO POR TUDO QUE VOCÊ DISSE, ME AJUDOU MUITO.

MAS AGORA, EU PRECISO IR PRO MEU QUARTO. TENHO QUE RESOLVER UM PROBLEMA.

TÃ, MAS NÃO DEMORA QUE A GENTE VAI JANTAR QUANDO A SUA MÃE CHEGAR COM SEU IRMÃO E SEU PAI.





Com qual etnia você se identifica?

- BRANCO
- PRETO
- PARDO
- AMARELO
- INDÍGENA
- OUTRO: _____

PRETO

CONCLUIR INSCRIÇÃO

BOM DIA, PESSOAL!.

VAMOS DAR UMA PAUSA NA CONVERSA POR ENQUANTO, QUE A AULA DE HOJE É BEM IMPORTANTE...



DEVIDO A ALGUNS QUESTIONAMENTOS QUE RECEBI, ACHEI QUE SERIA LEGAL ADIANTAR UMA AULA QUE IA DAR EM ALGUNS DIAS.

HOJE A GENTE VAI APRENDER UM POUCO MAIS SOBRE IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL!

ESPERO QUE COM ESSA AULA VOCÊS ENTENDAM DE UMA VEZ POR TODAS A IMPORTÂNCIA DESSE TEMA.



ENQUANTO A PROFESSORA AINDA TÃ SE ARRUMANDO PRA COMEÇAR A AULA, VOU APROVEITAR PRA TE PERGUNTAR...

VOCÊ CONSEGUIU FAZER A SUA INSCRIÇÃO, LARA?





CONSEGUI SIM!

ÓTIMO...



O QUE ACONTECEU COM VOCÊ HOJE? TÁ DIFERENTE...

É MESMO, LARA. TAMBÉM SENTI ISSO... ONTEM VOCÊ TAVA BEM MAL.



É, ONTEM EU TAVA UM POUCO PERDIDA.



MAS MUITA COISA SE ESCLARECEU NA MINHA CABEÇA.



OU MELHOR...

SE ESCURECEU.



UnB

**APÓS SER SURPREENDIDA COM UM QUESTIONAMENTO SOBRE QUEM ELA É, LARA
PARTE EM BUSCA DE RESPOSTAS SOBRE A SUA IDENTIDADE RACIAL ANTES DO FIM
DO PERÍODO DE INSCRIÇÕES DO VESTIBULAR.**

